



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Curso de Graduação em Pedagogia

QUESIA TELES SOARES XAVIER

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SURDOS NO ENTORNO DO DF:
UMA ANÁLISE**

Brasília-DF

2018



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Curso de Graduação em Pedagogia

QUESIA TELES SOARES XAVIER

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SURDOS NO ENTORNO DO /DF:
UMA ANÁLISE**

Trabalho Final de Curso apresentado à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edeilce Aparecida Santos Buzar

Brasília-DF

2018

QUESIA TELES SOARES XAVIER

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SURDOS NO ENTORNO DO /DF:
UMA ANÁLISE**

Trabalho Final de Curso apresentado à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Edeilce Aparecida Santos Buzar - Orientadora
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a Mestranda Cíntia Caldeira da Silva - Examinadora
Instituto de Letras da Universidade de Brasília/LIP

Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses - Examinador
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Esp. Davi Pereira da Silva Junior - Suplente
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília, 05 de abril de 2018

Dedico esta monografia a toda à comunidade surda, e em especial aquele garotinho surdo que me ensinou a amar, respeitar e aprender mais sobre a Língua Brasileira de Sinais, pois apesar das lutas que os surdos vivenciaram no passado e ainda vivenciam atualmente, eles não desistiram, mas comprovam diariamente para a comunidade ouvinte que são capazes de vencer os obstáculos que lhe são impostos, de modo a conquistar seu espaço e serem respeitados como membros participantes da sociedade.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, pois sem sua ajuda, não teria chegado aqui.

A minha amiga surda, que quando ainda era criança me deu a grande oportunidade de conhecer a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Ao garotinho surdo que conheci no passado, quando cursava Pedagogia, que pela sua história, fez aumentar o amor que já existia dentro de mim pela comunidade surda e pela Libras.

A minha mãe Rosária Teles e a meu pai Antonio Carlos, que me trouxeram a este mundo, sempre me apoiando e me incentivando a conquistar meus objetivos por meio dos estudos.

A todos os surdos entrevistados, independente de suas limitações com a Língua Brasileira de Sinais, pois me receberam muito bem e me ajudaram da melhor forma possível, respondendo como puderam as perguntas feitas por meio de gravação de vídeo e com a ajuda das professoras intérpretes na interpretação.

A todas as professoras intérpretes que interpretaram por intermédio da Língua Brasileira de Sinais as perguntas destinadas aos surdos entrevistados.

Ao meu fiel amigo Luan Chaves, que também com todo o carinho me ajudou, me aconselhou e esteve presente comigo em momentos, nos quais até pensei em desistir.

A minha irmã Débora Teles que se disponibilizou várias vezes em me ajudar.

Ao professor Erlando Rêses e ao professor Renato Hilário que me apresentaram a modalidade da Educação de Jovens e Adultos de uma forma tão linda e especial durante o curso de Pedagogia, me ensinando a amar e respeitar, pois infelizmente essa modalidade ainda não é tão valorizada em nosso país.

A professora Cíntia Silva e ao professor Davi Junior que com seu amor, souberam nos ensinar de uma forma tão especial, a disciplina Escolarização de Surdos e Libras na FE, sempre nos apoiando e nos mostrando que somos capazes de aprender essa língua para nos comunicar com o sujeito surdo.

E agradecer de uma forma muito especial e com orgulho minha estimada orientadora Prof.^a Dr.^a Edeilce Aparecida Santos Buzar, que me recebeu tão bem e não se limitou em me oferecer ajuda com a monografia. Me ensinou valores que jamais serão esquecidos como: persistência, maturidade, força de vontade, responsabilidade nos estudos e o principal a amar e respeitar a educação de surdos, independente das dificuldades que terei que enfrentar. Se, cheguei até aqui foi por suas orientações, por seu carinho e companheirismo. Obrigada, levarei comigo todos os teus ensinamentos e onde chegar, serás minha referência.

Reorganizar a sociedade velha, transformá-la para criar a nova sociedade não é tão fácil assim. Por isso não se cria a sociedade nova da noite para o dia, nem a sociedade nova aparece por acaso. A nova sociedade vai surgindo com as transformações profundas que a velha sociedade vai sofrendo (FREIRE, 2008, p.74,75).

RESUMO

Este trabalho monográfico foi desenvolvido com o objetivo de identificar os pressupostos teóricos da educação de jovens e adultos surdos, investigando por intermédio de entrevistas gravadas com jovens e adultos surdos, como ocorreu ou como ocorre o seu processo educacional. Para tanto revisamos o histórico da educação de surdos, ressaltamos as filosofias educacionais utilizadas para esse fim e o contexto da Educação de Jovens e Adultos, bem como a inserção dos sujeitos surdos nessa modalidade da educação, assim como no mercado de trabalho. Esta pesquisa utilizou a metodologia qualitativa, por meio de entrevistas gravadas com jovens e adultos surdos e com auxílio de professoras intérpretes de Libras de duas escolas públicas do entorno de Brasília DF, levando em consideração: o papel da escola na instrução dos alunos surdos, inclusão destes em salas regulares e Sala de Recursos, inserção da Libras e da Língua Portuguesa no trabalho pedagógico, e a inserção dos alunos surdos no mercado de trabalho. Todas as entrevistas foram descritas com base nos relatos dos alunos surdos entrevistados, visando à construção dos resultados e a posterior discussão. Por fim, podemos verificar que os processos desenvolvidos pela comunidade escolar, ainda não atendem aos jovens e adultos surdos da EJA em suas peculiaridades e necessidades contextuais, mesmo que se diga que eles estejam incluídos em salas regulares com alunos ouvintes. Isto porque professores regentes e alunos ouvintes não sabem a Língua Brasileira de Sinais, o que não permite comunicação com os alunos surdos. Outro fator importante é que alguns alunos surdos não dominam a Libras, não tem ensino desta na escola, mesmo tendo aula na Sala de Recursos, que funciona somente para ajudar na compreensão dos conteúdos ministrados em sala de aula, mas sem o ensino da Libras. Há uma preocupação somente com a aplicação dos conteúdos escolares.

Palavras-chave: Educação de surdos, Educação de Jovens e Adultos, EJA para surdos.

ABSTRACT

This monographic work was developed with the objective of identify the theoretical assumptions of the education of deaf youths and adults, investigating through recorded interviews with deaf youth and adults how their educational process occurs or occurred. In order to do so, we reviewed the history of deaf's education, we highlighted the educational philosophies used for this purpose and the context of youth and adult education, the inclusion of deaf individuals in this type of education and in the labor market. This research used the qualitative methodology, through recorded interviews with young and adults deafs and with the help of teachers and interpreters of the Brazilian Signs Language from two public schools in the surroundings of Brasília-DF, taking into consideration: the role of the school in the education of deaf students, inclusion of these students in regular rooms and the Resource Room, insertion of Brazilian Signs Language and Portuguese Language in the pedagogical work, and the insertion of deaf students in the labor market. All the interviews were described based on the reports of the deaf students interviewed in order to obtain the results and the subsequent discussion. Finally, we were able to verify that the processes developed by the school community still do not support the young and deaf adults of the EJA in their peculiarities and contextual needs, even if they are said to be included in regular rooms with regular students. This occurs because regent teachers and regular students do not know the Brazilian Signs Language, which does not allow communication with deaf students. Another important factor is that some deaf students do not dominate Brazilian Signs Language, they are not taught it at school, even taking a classes in the Resource Room, which works only to help understanding the contents taught in the classroom, but without the teaching of Brazilian Signs Language. There is concern only with the application of schoolcontents.

Keywords: Deaf education, Youth and Adult Education, EJA¹ for the deaf.

¹Youth and Adult Education.

LISTA DE FOTOS

Figura 1: Sala de Recursos da Escola de Ensino Fundamental.....	83
Figura 2: Caderno de Ciências Naturais do Aluno Surdo da Escola de Ensino Fundamental.....	84
Figura 3: Exercício de Matemática Utilizado na Sala de Recursos da Escola de Ensino Fundamental.....	85
Figura 4: Horário de atendimento das disciplinas de Exatas para os alunos surdos na Sala de Recursos, incluído dentro da grade horária de aula e dividido por cada etapa do 2º Segmento da EJA em que cada aluno surdo estuda.....	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Segmentos na EJA.....	.36
Quadro 2 – Obrigação e Aceitação de Pessoas Portadoras de Deficiência nas Empresas.....	43
Quadro 3 – Conceito para Abordagem Qualitativa54
Quadro 4 – Entrevista Eliane ² (nome fictício).....	59
Quadro 5 – Entrevista João (nome fictício).....	60
Quadro 6 – Entrevista Luana (nome fictício).....	.61
Quadro 7 – Entrevista Marcela (nome fictício).....	.63
Quadro 8 – Entrevista Paulo (nome fictício).....	.63
Quadro 9 – Entrevista Raiane (nome fictício).....	.64

² Todos os nomes dos alunos surdos entrevistados e das professoras intérpretes de Libras, mencionados neste trabalho monográfico, são fictícios, de modo a manter o sigilo e preservação da identidade de cada sujeito participante.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AASI** – Aparelhos de Amplificação Sonora Individual
- A. C.** – Antes de Cristo
- AEE** – Atendimento Educacional Especializado
- APADA** - Associação de Pais e Amigos de Deficientes Auditivos
- CNAEJA** – Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos
- D. C.** – Depois de Cristo
- DF** – Distrito Federal
- EAPE** - Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação
- EJA** – Educação de Jovens e Adultos
- FE** - Faculdade de Educação
- FENEIDA** – Federação Nacional e Integração do Deficiente Auditivo
- FENEIS** – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
- FORMANCIPA** – Formação Integrada e Emancipadora de Acesso à Educação Superior
- GDF** – Governo do Distrito Federal
- GO** – Goiás
- INES** – Instituto Nacional de Educação de Surdos
- L1** – Língua 1 (PrimeiraLíngua)
- L2** – Língua 2 (SegundaLíngua)
- LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- LDBEN** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- LIBRAS** – Língua Brasileira de Sinais
- MEC** – Ministério da Educação
- MTE** – Ministério do Trabalho e Emprego
- MOBRAL** – Movimento Brasileiro de Alfabetização
- OIT** - Organização Internacional do Trabalho
- ONGs** – Organizações não Governamentais
- ONU** – Organização das Nações Unidas
- PEI** – Programa de Educação Integrada
- PROEJA** – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos

PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

RJ – Rio de Janeiro

RS – Rio Grande do Sul

SIT - Secretaria de Inspeção do Trabalho

SP - São Paulo

TCC – Trabalho Final de Conclusão de Curso

SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão Social

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SERPAJUS – Serviço de Paz, Justiça e Não Violência do Pedregal - GO

UNB – Universidade de Brasília/DF

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	15
INTRODUÇÃO.....	22
1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS	24
1.1. Antiguidade Greco-Romana (400 a. C. – 476 d.C.).....	24
1.2. Idade Média (476 -1453).....	25
1.3. Renascimento (século XVI).....	26
1.4. Idade Moderna (1453-1789).....	26
1.5. Idade Contemporânea (1789-1900).....	29
1.6. Principais acontecimentos históricos na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil.....	30
2. EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL: foco na EJA.....	39
2.1. Educação de surdos e a EJA.....	41
2.2. O sujeito surdo e sua inserção no mercado de trabalho	41
3. FILOSOFIAS EDUCACIONAIS.....	44
3.1. Oralismo.....	44
3.2. Comunicação Total.....	47
3.3. Bilinguismo.....	49
3.4. Considerações atuais sobre as filosofias educacionais para Surdos.....	50
3.5. Importância das políticas públicas para a educação de surdos na EJA.....	52
4. METODOLOGIA.....	53
4.1. Problema de Pesquisa.....	53
4.2. Pesquisa Qualitativa.....	53
4.3. Campo de Pesquisa	55
4.4. Sujeitos de Pesquisa.....	56
• ELIANE.....	56
• JOÃO.....	57
• LUANA.....	57
• MARCELA.....	57
• PAULO.....	58
• RAIANE.....	58

5. RESULTADOS.....	59
5.1. Entrevista na Escola de Ensino Fundamental/2º Segmento da EJA.....	59
5.1.1 Primeira Entrevista.....	59
5.1.2 Segunda Entrevista.....	60
5.2. Entrevista na Escola de Ensino Médio/3º Segmento da EJA.....	61
5.2.1. Primeira Entrevista.....	61
5.2.2. Segunda Entrevista.....	62
5.2.3. Terceira Entrevista.....	63
5.2.4. Quarta Entrevista.....	64
6. DISCUSSÕES.....	66
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
8. PERSPECTIVASPROFISSIONAIS.....	78
REFERÊNCIAS.....	79
ANEXOS – IMAGENS.....	83
APÊNDICES.....	87
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA AS INTÉRPRETES DE LIBRAS.....	87
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS ALUNOS SURDOS.....	89
APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	91

MEMORIAL

Meu nome é Quesia Teles Soares Xavier, tenho 27 anos, sou a filha mais velha de cinco filhos. Meu pai chama-se Antônio Carlos Xavier e minha mãe Rosária Teles Soares Xavier. Nasci em Brasília/DF no ano de 1990, mas sempre morei em Planaltina/DF. Desde criança sempre estudei em escola pública, meus pais não tiveram condições de pagar uma escola particular, pois como somos em cinco, as despesas sempre foram altas.

O incentivo dos meus pais em relação aos nossos estudos sempre foram grandes e motivadores. Lembro-me de estar na 5ª série do antigo ensino fundamental, sempre ficava na frente e tirava notas boas, porém sofria muitas piadinhas dolorosas, mas não podia contar aos meus pais, pois eles tinham muitos problemas do dia-a-dia para resolver.

Mas um dia cansei, cheguei em casa, deitei e quando meu pai chegou do trabalho, olhei para ele e falei: “Pai, vou parar de estudar”. Meu pai olhou para mim e ficou em silêncio, o que me deixou assustada com medo dele me bater, então me disse: “Filha, continue estudando, sei que não está fácil, mas o estudo é algo que ninguém irá tirar de você e estude muito para ser o que seu pai não pôde ser, pois hoje sofro muito”. Depois dessas palavras entrei no meu quarto e chorei, pois na idade que eu tinha, mesmo com aquelas piadinhas, tinha que continuar sendo forte, uma vez, que a vida não seria fácil.

Guardo dentro de mim aquela conversa com meu pai de anos atrás, pois toda vez que penso em desistir, recordo de suas palavras. Da mesma forma, lembro-me de meu pai me falar que iria me pagar uma faculdade particular, pois meu sonho sempre foi ingressar em uma faculdade particular e não pública isso porque na escola que estudava, não havia incentivos por parte de meus professores para estudar e conseguir ingressar em uma universidade pública federal. Mas na metade do ano de 2008, meu pai disse que infelizmente não poderia pagar minha faculdade. Entrei em desespero, pois todo o meu Ensino Médio foi focado em estudar em uma faculdade particular.

Não sabia nada sobre universidade pública. Foi então que conversando com uma tia que passou em Licenciatura em Ciências Naturais na UnB de Planaltina DF, obtive informações a respeito da Universidade de Brasília (UnB), que era uma universidade pública, que bastaria me esforçar nos estudos e passar no vestibular. Ao ter conhecimento do site da UnB para obter melhores informações sobre o vestibular, percebi que ainda tinha tempo para realizar minha inscrição no 2º vestibular de 2008 para o curso de Licenciatura em Ciências Naturais com ingresso no início de 2009, pois como moro em Planaltina DF ficava mais perto da minha casa e também porque não sabia muito sobre os outros cursos da UnB, *campus*

Darcy Ribeiro.

Concluí meu Ensino Médio no ano de 2008 e fui à primeira de toda a família a ingressar em uma universidade pública federal, sendo aprovada no meu primeiro vestibular da UnB/Planaltina/DF para Licenciatura em Ciências Naturais, 1º semestre de 2009. Permaneci nesse curso somente até o 6º semestre, pois não conseguia mais me identificar e sabia que se continuasse não seria uma boa professora. Foi então que tomei a decisão mais difícil de desistir do curso, o que provocou revolta em minha família e amigos.

Não foi fácil, mas hoje sei que tomei a decisão certa, pois no 2º semestre de 2013 passei no meu segundo vestibular para Pedagogia na UnB, *campus* Darcy Ribeiro, curso que amo. Escolhi o curso de Pedagogia, pois mesmo cursando Licenciatura em Ciências Naturais, sempre tive amor em trabalhar com crianças carentes e ao desistir, procurei cursar um curso que me qualificasse a ter uma formação na Educação Infantil para futuramente trabalhar com muita qualidade e responsabilidade tanto com crianças carentes, quanto com crianças não carentes.

Desde o primeiro semestre de Pedagogia, me encantei com o curso, pois era totalmente o contrário de Licenciatura em Ciências Naturais, na verdade quando amamos algo que fazemos estudar se torna prazeroso.

Minha experiência com Libras (Língua Brasileira de Sinais) teve início por intermédio de uma amiga surda na infância, pois como sou cristã e ela também, lembro-me de não saber falar nada e vê-la conversando com sua mãe por meio das mãos. Ela na maioria das vezes ficava só na igreja, porque somente sua mãe sabia se comunicar com ela. Decidi me aproximar dela, o que foi um fracasso, pois não entendia nada do que ela falava e passei a ficar mais na minha.

O mais incrível nessa história, foi que certa vez ela sentou-se ao meu lado pegou em minha mão e tentou se comunicar o mais nítido possível pelos lábios para que eu conseguisse entender: Você quer aprender Libras? Eu te ajudo. Nossa aquele movimento que ela fazia era Libras? (Pensei) Uau... Fiquei tão feliz por ela ter se aproximado de mim para me ajudar. Então começamos a tentar conversar, confesso que não foi fácil, pois só tinha contato com ela na igreja. O ruim é que quando estava começando a aprender Libras, tanto que já interpretava um pouco no culto para ela, tive que mudar de igreja e assim não tive mais contato com a minha amiga. Cresci e continuei a não ter contato com surdos, até que um dia conheci alguns amigos surdos, mas devido ao tempo corrido não praticava e nem aprendia Libras.

Em 2015 realizei meu primeiro curso de Libras Básico I de 60 horas na APADA/DF (Associação de Pais e Amigos de Deficientes Auditivos), que me possibilitou aprender o

básico da Língua de Sinais e conseguir me comunicar com a comunidade ouvinte.

No primeiro semestre de 2015 cursei a disciplina Educação de Adultos com o professor Renato Hilário, onde tive a grande e maravilhosa oportunidade de estudar sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ele nos proporcionou experiências significantes, tanto em sala de aula com os conteúdos, de modo a nos trazer um melhor esclarecimento a respeito dessa modalidade da educação, quanto nos encaminhar para uma escola pública de nossa cidade que oferecesse a modalidade EJA, para que pudéssemos adquirir mais experiências e relacionar com o que aprendemos em sala de aula.

Já no primeiro e no segundo semestre de 2016 cursei a disciplina Projeto 4 com o professor Erlando Rêses, que desenvolve o projeto FORMANCIPA (Formação Integrada e Emancipadora de Acesso à Educação Superior), um programa de democratização do acesso à Educação Superior resultante da parceria entre o SERPAJUS (Serviço de Paz, Justiça e Não Violência do Pedregal/GO) e a UnB, onde é desenvolvido um processo de formação integrada, emancipadora e gratuita aos estudantes da fase final ou egressos do Ensino Médio no Município do Novo Gama/GO (BLOG FORMANCIPA, ACESSO EM 2018).

O projeto é conduzido pelo professor Erlando Rêses, que conta com a ajuda de alunos de graduação de vários cursos da UnB, inclusive os da área da Pedagogia, para juntos estabelecerem a interdisciplinaridade, como objetivo central para o desenvolvimento das aulas. Isso foi tão importante para o meu amadurecimento na Educação de Jovens e Adultos, pois tive a oportunidade de ter contato com alunos nessa realidade, e romper com o paradigma tradicional imposto na educação e construção das aprendizagens desses sujeitos, conforme é a proposta do projeto.

Confesso que essas experiências na EJA se tornaram muito importantes em minha vida, pois entrei em sala de aula, encontrei jovens e adultos com tanta vontade de aprender, de ser alguém na vida, com tantas experiências e o mais interessante com tanto respeito. Apaixonei-me pela realidade da EJA, claro que não é fácil, existem dificuldades e problemas, mas é uma modalidade da educação apaixonante, ainda mais tendo como base o professor Erlando Rêses e o professor Renato Hilário, que possuem tanto conhecimento na área e me proporcionaram ter essa experiência tão significativa, que se tornou a escolha do tema de minha monografia junto com a outra área que também sou apaixonada que é a educação de surdos.

Outra experiência com Libras que se tornou marcante em minha vida foi que certa vez chegando em casa da faculdade, vi meus irmãos e seus colegas conversando com um garoto surdo, que tinha 8 anos. Apesar deles não saberem Libras tentavam conversar com o garoto,

puxando-o e mostrando o que fazer. Então o chamei e comecei a conversar com o pouco que sei. Ele se alegrou e deu aquele sorriso, pois me falou que não conversava com ninguém bem e nem com sua mãe, pois não sabiam Libras e ficou feliz em me conhecer. Lembrando que ele também sabia pouco de Libras, pois não tinha incentivo por parte de sua família para aprender Libras, tanto que depois até tentei ensinar meus irmãos um pouco do que sabia para que conversassem melhor com o garoto, mas eles não se interessaram.

Com o tempo fui conversando mais e ele me falou que estudava em uma escola pública inclusiva com alunos ouvintes, mas que nem eles e nem sua professora regente ouvinte sabiam Libras, somente sua intérprete. Depois me contou que foi em uma confraternização de crianças de uma instituição religiosa, mas não se sentiu bem lá, porque nenhuma criança se aproximava dele para brincar, pois não sabiam Libras para se comunicar ou algum adulto que também soubesse para intermediar, o que fez com que ele fosse embora para sua casa triste.

Ao terminar nossa conversa, entrei em meu quarto e fiquei me perguntando a respeito do que esse garoto havia passado e continuava a passar em sua vida, por não ter pessoas em seu convívio familiar, social e escolar que soubessem falar Libras, e como futura professora o que poderia fazer para ajudá-lo? Lembrando que futuramente encontraria mais crianças surdas com esse ou outros problemas e teria que saber como ajudá-las.

Descobri onde ele morava e conversei com sua mãe para ter autorização para me aproximar dele e ajudá-lo. Ela não foi muito receptiva, mas concordou. Ele aproveitou e pediu que eu falasse para ela, que aprendesse Libras para conversar com ele, pois ela não sabia nada e ele se sentia muito só. Descobri também que ele morava com o padrasto, que não demonstrava afeição por ele, e seu pai biológico o abandonou com sua mãe, por ele ter nascido surdo.

Marquei os dias para ir a casa dele, mas quando fui, no dia combinado, tive uma surpresa que me machucou profundamente, eles haviam se mudado e a mãe dele não atendia mais o celular. Eu não conseguia entender o porquê dela ter ido embora e por não ter nem me avisado.

Hoje a escolha desse tema e esse amor por Libras têm aumentado por causa desse garoto, queria muito mesmo ter ajudado ele, mesmo não sabendo muito bem Libras, mas já estava buscando meios para aprender e ajudá-lo.

Fico pensando em como esse garoto deve estar hoje, quais as dificuldades e sofrimentos que ele ainda está passando, que talvez seus professores e sua mãe ainda não entenderam a importância de se inserirem no mundo dele para ajudá-lo. Mas penso também

quantas outras crianças surdas estão passando por isso, e nós como professores já em exercício ou como futuros professores estamos influenciando, seja de forma positiva ou negativa na formação acadêmica de cada uma dessas crianças.

No ano de 2015 cursei a disciplina Escolarização de Surdos e Libras com a professora Cíntia Silva, que é surda. Apesar da disciplina, ter uma carga horária pequena, diante da complexidade que envolve o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais, ainda sim consegui absorver muitos conhecimentos, aprender mais sinais em Libras e amar ainda mais a educação de surdos. Isso se deu pelo empenho e dedicação da professora Cíntia Silva, que tem tanto conhecimento e amor pela profissão, tanto que com seu exemplo de vida e como educadora, se tornou minha referência e a escolhi para fazer parte de minha banca examinadora da monografia.

Em junho de 2016 fui convidada pela professora Liège Kuchenbecker da Faculdade de Educação/UnB para participar do Curso de Literatura Surda, uma ação de extensão ofertada pela Universidade de Brasília, que seria ministrada por ela em minha cidade (Planaltina-DF). Fiquei muito feliz pelo convite e mais ainda pelas ricas experiências vividas durante o curso, a forma como aprendi a ler história para uma criança surda, a fazer um teatro, diferente do que tinha em mente. Foi gratificante e mais uma vez enriqueceu meus conhecimentos.

Hoje estou no 8º semestre de pedagogia e iniciei o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Confesso que devido às dificuldades de horário iria realizar minha monografia com outro professor em uma área que não tem nada a ver comigo. Mas parei e refleti melhor, que assim como em todos os semestres foram importantes para o meu crescimento acadêmico, realizar minha monografia com um professor na área que amo, que é Libras, seria de suma importância para minha vida acadêmica e minha realização profissional, uma vez, que tenho o sonho de trabalhar com crianças surdas e ser intérprete de Libras.

Então conversei com a professora Edeilce Buzar que trabalha com a área de Libras na Faculdade de Educação/UnB, sendo ela indicada por colegas da Faculdade de Educação (UnB) para ser minha orientadora. Ela foi muito receptiva comigo, mas, ao mesmo tempo, realista, pois como não fiz nenhum projeto com ela, estes que são muito importantes e me possibilitariam ter uma base forte e significativa para a Monografia, ela não teria problema em me orientar, mas me fez perceber que apesar de não ter feito nenhum projeto com ela, então seria importante cursar primeiro a disciplina Tópicos Especiais em Práticas Pedagógicas - Libras II e somente depois iniciar a elaboração da monografia.

Curvei a disciplina Tópicos Especiais em Práticas Pedagógicas - Libras II no segundo semestre de 2017 com a professora Edeice Buzar, que por sua vez, superou muito as minhas

expectativas, pois as aulas foram somente em Libras, o que enriqueceu muito o meu vocabulário em Libras, além de me proporcionar o que tanto almejo que é de estar em uma escola com alunos surdos. A professora tem muitos conhecimentos e um currículo admirável na área de Libras, de modo que nos preparou muito bem na parte teórica, nos proporcionando discussões relevantes para a construção do conhecimento sobre Libras e do sujeito surdo e termos aulas somente em Libras. Além de nos possibilitar momentos para nos deslocarmos até a escola de nossa preferência para realizarmos uma pesquisa e aplicarmos o que aprendemos em sala de aula.

Também tive outra grande oportunidade nessa disciplina, que foi ter aulas com o professor Davi Junior, que é surdo. Ter esse contato com ele, também superou minhas expectativas, do quanto tem conhecimento e conseguiu nessas aulas passá-las para a turma, de modo que enriqueceu ainda mais meus conhecimentos sobre a Língua Brasileira de Sinais, sendo ele mais uma referência para minha vida acadêmica e assim também o escolhi para fazer parte de minha banca examinadora da monografia.

Escolhi uma escola pública de minha cidade, na modalidade EJA, que é a área de minha pesquisa na monografia e confesso que foi maravilhoso ter contato com os alunos surdos, mas ao mesmo tempo foi desapontador verificar o quanto nossas escolas públicas estão despreparadas para educar o sujeito surdo, o quanto ainda não oferecem uma educação de qualidade e nem se quer a comunidade escolar se preocupa em aprender ou oferecer o ensino de Libras para que haja comunicação entre os alunos surdos, ouvintes e os demais membros da comunidade escolar, sendo os intérpretes, estes que são poucos, os que mais se comunicam com os alunos surdos.

No segundo semestre de 2017 iniciei outro curso Básico de Libras de 140 horas ofertado pelo Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), para continuar aprendendo sobre a Língua Brasileira de Sinais e cursarei no primeiro semestre de 2018 o nível intermediário de Libras, dando continuidade até conseguir me tornar intérprete de Libras.

Estou tendo as orientações do trabalho monográfico com a professora Edeilce Buzar que me orienta com base no que quero fazer, nas minhas experiências passadas e também em minha realidade, o que pra mim está sendo essencial tê-la como orientadora, pois muito aprendo com suas experiências, estas que cada vez mais se tornam bases para fortalecer a construção de minha monografia.

Assim escolhi o seguinte tema: **“A Educação de Jovens e Adultos Surdos no entorno do DF: Uma análise**, tema escolhido com base no meu convívio com jovens e

adultos surdos, onde terei a oportunidade de escutá-los por meio de uma entrevista gravada e com auxílio de professoras intérpretes, pois ainda não tenho o domínio da Língua Brasileira de Sinais, a fim de saber mais sobre suas trajetórias educacionais, como alunos surdos em escolas públicas, seu convívio com alunos e professores ouvintes e o que sua educação nessa modalidade de ensino, influencia na sua vida fora da escola, como sua inserção no mercado de trabalho.

INTRODUÇÃO

Estar entre as quatro paredes de uma universidade, estudando somente a teoria, não nos possibilita ter o real conhecimento sobre os desafios que estão fora dela e que estaremos sujeitos a enfrentar quando nos formarmos, de modo que se torna primordial ter uma ligação entre a teoria e a prática ainda no período de andamento do curso, para que os futuros professores se sintam mais preparados para encarar a dura realidade que envolve a educação de nosso país.

Ao cursar a disciplina Educação de Adultos com o professor Renato Hilário, Tópicos Especiais em Práticas Pedagógicas – Libras II com a professora Edeilce Buzar e o professor Davi Junior, Escolarização de Surdos e Libras com a professora Cíntia Silva e pelas experiências vividas no Formancipa³ com o professor Erlando Rêses, tive a oportunidade de unir a teoria com a prática e refletir sobre a realidade fora da universidade, o que me possibilitou compreender os principais problemas na educação de jovens e adultos surdos de duas escolas públicas do entorno de Brasília. Além de que, tais experiências me fizeram amar e valorizar mais essas áreas da educação, apesar das dificuldades que as cercam, amadurecer meus pensamentos sobre a educação de nosso país, buscar alternativas e lutar por uma educação melhor e com qualidade.

A partir da pesquisa realizada para este trabalho monográfico, pudemos compreender que a história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil segue a própria história da educação, visto que está vinculada ao progresso do desenvolvimento político e econômico de nosso país e aplicada em seus respectivos períodos históricos.

Quando escolhi trabalhar este tema em minha monografia, com a ajuda de minha orientadora, procurei incorporar conhecimentos teóricos embasados em uma composição bibliográfica literária, que me permitiu unir com os resultados das entrevistas realizadas com jovens e adultos surdos, de modo a possibilitar um maior esclarecimento diante das realidades vividas por eles, no que diz respeito à sua educação, especialmente, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Estes pontos tornaram-se relevantes para verificar se os conhecimentos adquiridos por eles durante o período escolar tornaram-se importantes para sua inserção na sociedade e no mercado de trabalho.

Considerando as informações prestadas, o presente trabalho monográfico foi

³ É um programa de democratização do acesso a Educação Superior resultante da parceria entre o SERPAJUS-Serviço de Paz, Justiça e Não Violência do Pedregal – GO e a Universidade de Brasília, que desenvolve um processo de formação integrada, emancipadora e gratuita aos estudantes da fase final ou egressos do Ensino Médio no Município do Novo Gama – GO (BLOG FORMANCIPA, ACESSO EM 2018).

estruturado em seis capítulos, além da Introdução, Considerações finais e Perspectivas Profissionais.

a) No PRIMEIRO CAPÍTULO foi realizado um levantamento referente à história da educação de surdos e da EJA, para possibilitar uma análise diante dos acontecimentos que nortearam todo o processo da construção da educação de surdos e de jovens e adultos, com apresentação dos principais fundamentos filosóficos, teóricos e valores em que elas se fundamentaram de modo a nos permitir uma reflexão destas no contexto atual.

b) No SEGUNDO CAPÍTULO menciona-se a educação de surdos no Brasil, uma vez, que esta sofreu influência internacional, no qual são levantados fatos relevantes dessa contribuição de fora do país, que tornaram-se fundamentais para todo o processo de construção na educação de surdos no Brasil. Assim como a interrelação entre a educação de surdos e a EJA e a inserção do sujeito surdo no mercado de trabalho.

c) No TERCEIRO CAPÍTULO é posto em questão a forma como a educação de surdos se modificou diante dos modelos educacionais impostos, que resultaram em filosofias educacionais: o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo. Em seguida, fizemos também uma breve consideração atual, de modo a questionar e refletir sobre a eficiência ou ineficácia destas para o aprendizado dos sujeitos surdos, ou seja, considerações atuais sobre as filosofias educacionais para surdos e a importância das políticas públicas para a educação de surdos na EJA.

d) No QUARTO CAPÍTULO, apresenta-se a metodologia adotada, o problema de pesquisa abordado, o método e instrumento utilizado para a construção dos dados, além de descrevermos o campo e os sujeitos de pesquisa.

e) No QUINTO CAPÍTULO descrevemos os resultados das entrevistas realizadas nas duas escolas.

f) No SEXTO CAPÍTULO discutimos as categorias construídas a partir dos resultados, com base nas referências dos autores utilizados na composição teórica dos três primeiros capítulos.

g) Por fim, nas Considerações finais retomamos o problema de pesquisa e analisamos se o mesmo foi contemplado ou não e as reflexões gerais sobre a temática.

1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

A questão dos principais problemas que envolvem a educação de surdos não é a surdez ou os surdos, suas identidades e a Língua de Sinais, mas a predominância que a comunidade ouvintista representa sobre a comunidade surda.

Para termos um melhor entendimento de como ocorreu à educação de surdos é necessário primeiro partirmos para uma análise sobre o contexto histórico em que ela ocorreu, para conseguirmos a partir dessa análise apresentar os principais fundamentos filosóficos, teóricos e valores em que ela se fundamentou, de modo que mais adiante perceberemos que a história da educação de surdos no Brasil, não aconteceu no próprio contexto da história da educação brasileira, pelo contrário esta teve influências internacionais.

1.1. Antiguidade Greco-Romana (400 a. C. – 476 d.C.)

Na antiguidade Greco-Romana, os gregos e romanos ouvintes, enxergavam os surdos como sujeitos incapazes de adquirir conhecimento, isso porque para eles o pensamento não poderia ser expandido sem o uso da fala. A única forma de se receber conhecimento, seria por meio da audição, sendo necessário que o sujeito falasse para desenvolver sua audição e conseqüentemente ele teria a capacidade de desenvolver seu pensamento e assim adquirir conhecimento. Em muitos casos os gregos e romanos ouvintes sacrificaram muitos surdos que nasciam sem ouvir, com exceção dos surdos que tiveram perda auditiva, pois estes já haviam obtido a linguagem.

Aristóteles (384 – 322 a.C.) exerceu um papel importante na permanência desse pensamento, pois para ele a linguagem era o que oferecia ao sujeito a situação de ser realmente considerado humano, então se o sujeito não possuísse linguagem, era enxergado por ele como um não-humano, logo não possuía nenhuma capacidade de adquirir conhecimento, como se refere nesta frase: *“era de opinião que todos os conteúdos da consciência deviam ser recolhidos primeiro por um órgão sensorial e considerava o ouvido como o órgão mais importante para a educação”* (SOARES, 1999, p. 13).

Já no Egito e na Pérsia, eles caracterizavam os sujeitos surdos como excepcionais, que foram mandados pelos deuses, uma vez, que admitiam que os surdos se comunicavam em sigilo com os deuses. Eles tinham muita consideração pelos surdos, os defendiam e os homenageavam por meio de adorações, mas apesar de tudo isso, os surdos ainda possuíam uma vida estagnada e não recebiam educação (STROBEL, 2009).

Entretanto diante das ideias dominantes que a comunidade ouvinte vinha exercendo sobre a educação de surdos, vozes relevantes se posicionaram contrários a essas ideias, apontando um diferente caminho para os surdos, mas que por sua vez, oferece a mesma possibilidade dos surdos obterem o conhecimento que os ouvintes. É o caso do diálogo entre Sócrates, filósofo grego, e seu discípulo Hermógenes, quando Sócrates o questiona a respeito da comunicação humana:

Se não tivéssemos voz nem língua, e quiséssemos mostrar as coisas uns aos outros, não tentaríamos, como fazem os mudos, significá-las por meio das mãos, e da cabeça, e do resto do corpo? Hermógenes respondeu: Como poderia ser de outra maneira, ó Sócrates? (PLATÃO, 2001, p. 100).

Diante desse contexto em que os sujeitos surdos viviam sendo desrespeitados e não valorizados, por não ouvirem e falarem como os demais membros da sociedade desta época, os filósofos Sócrates e seu discípulo Hermógenes, ao dialogarem entre si a respeito de outro meio de comunicação que não seja a convencional, admitem que na Antiguidade os surdos utilizavam suas mãos e sua expressão facial para se comunicarem entre si, de modo que isso nos leva a supor, que já existia a língua de sinais nessa época, apesar de ainda não ser reconhecida e valorizada pela comunidade ouvinte.

1.2. Idade Média (476 -1453)

As bases sociais desta época eram determinadas pela Igreja Católica, por meio do poder de leis divinas e qualquer indivíduo que fosse contra essas determinações, era morto. Neste período, os surdos ainda continuavam sendo enxergados como não- humanos pela Igreja católica, isso porque em seu pensamento não poderiam ser caracterizados como imortais, por não conseguirem falar os sacramentos da igreja.

Por outro lado os surdos já começaram a se afastar da exibição e renúncia, sendo abrigados pela Igreja Católica e pelos conventos, das quais as paredes os segregavam, para que a sociedade não tomasse conhecimento do que eles consideravam como incômodo e sem utilidade (SILVA *et al.*, 2009).

Conforme Silva *et al.* (2009) essas questões que envolviam o pensamento de um cidadão sem defeitos que a própria Igreja Católica defendia fazia com que os surdos estivessem diante da exigente vontade humana, sendo eles então queimados em fogueiras, com a justificativa de que se tornaram um obstáculo para a Igreja.

Deste modo os surdos eram impedidos pelos romanos de exigirem seus direitos legais,

como herdar os bens de sua família e se casarem, assim como para a Igreja Católica que os julgava não ser dignos de salvação, sendo eles vistos pela sociedade como retardados mentais, anormais e incompetentes (SILVA, 2009).

1.3. Renascimento (século XVI)

De acordo com Soares (1999), o período da Renascença se inicia no século XVI junto com as revoluções científicas, onde a Igreja enxergava a surdez como doença, que tornava evidente de que o surdo estava sendo castigado por uma culpa grave. Mas ainda nessa época (século XVI) este pensamento foi mudado pelo pensamento grego, que ainda enxergava a surdez como doença e também como um conflito na simetria do corpo, que a própria natureza teria a responsabilidade de curar.

No Renascimento, os médicos tendo como embasamento o crescimento da ciência começaram a se dedicar ao estudo da fala dos surdos, assim como a possibilidade de seu aprendizado, como também os religiosos, preceptores e estudiosos de língua (SOARES,1999).

1.4. Idade Moderna (1453-1789)

Na Idade Moderna os sujeitos surdos foram alvos da medicina, que os via como deficientes e conectados a uma anormalidade orgânica, assim como, a religião, que os via como desprotegidos, por não poderem falar e ouvir, sendo um dever religioso tratá- los.

Alguns médicos se afastaram da medicina para adotarem uma forma mais pedagógica, que pudesse fazer com o que o sujeito surdo conseguisse obter algum conhecimento, seja por meio da linguagem oral ou com a aplicação da escrita (SOARES,1999).

De acordo com Soares (1999), GerolamoCardano (1501-1576), italiano, matemático, médico e astrólogo foi um dos primeiros educadores de surdos. Embora suas pesquisas enfocassem mais a área da Fisiologia foi por meio dessas pesquisas que ele declarou que a escrita conseguiria retratar os sons da fala ou as noções de pensamento, onde a mudez não seria o obstáculo para o surdo obter instrução. Segundo Strobel (2009), Gerolamo Cardano adotou os sinais e a escrita na instrução dos surdos.

Ele sugeriu mensurar a qualidade de aprendizagem entre distintos surdos ao propor divisões para essa mensuração: aos sujeitos que nasceram surdos, aos que possuíram a surdez antes de aprenderem a falar, aos que possuíram após aprender a falar e aos que possuíram após aprender a falar e escrever. Com isso, ele conseguiu estabelecer um vínculo entre

distintos surdos, por meio do aprendizado que cada um adquiriu, o que o levou a assegurar que a surdez por si só, não mudava a inteligência da criança, mas que a educação deles teria que ser executada pela instrução da leitura e da escrita, pois a escrita poderia demonstrar os sons da fala ou atribuir às noções do pensamento (SOARES, 1999).

O monge beneditino Pedro Ponce de León (1510-1584) pertenceu a uma família nobre da província de Leon. Em 1526 ingressou na ordem dos Beneditinos e após 15 anos se propôs a ensinar dezenas de surdos, filhos de membros da corte espanhola, cujo motivo era que seus filhos aprendessem a falar para futuramente conseguirem ter direito a sua herança (QUIRÓS; GUELER *apud* SOARES, 1999, p. 20). De acordo com Strobel (2009), Pedro Ponce de León utilizava na instrução dos surdos a dactilologia, a escrita e a oralização.

Apesar da motivação em que estava baseada a instrução dos surdos nesse período, para a sociedade da época foi significativo reconhecer que os surdos eram capazes de aprender e obter conhecimento, mesmo que fosse por meio da oralização, trabalho que serviu de base para outros educadores de surdos.

Juan Pablo Bonet (1579-1633) se apropria do método de León, sendo que não há fontes que relatem ele compartilhando seu método com outra pessoa. Porém Bonet tira vantagem de alguns alunos surdos de Leon para imitar seu método e em 1620 divulga um livro em que se apresenta como o descobridor do método de instrução do surdo por meio da fala, ao lançar mão do alfabeto digital, do método escrito e de gestos para se instruir a leitura ao surdo e por meio do uso de aparelhos fonoarticulatórios para instruí- los a fala (MOURA, HARRISON e LODI, 1997).

Segundo Werner *apud* Soares (1999, p. 21) para Bonet a educação deveria começar pela instrução da escrita, não por palavras inteiras e com ordenação do alfabeto, sendo que mais adiante seria feita relação com o alfabeto dactilológico e o alfabeto escrito, para que depois fosse instruída a língua falada. Esta última parte refere-se à diferença dos variados tipos de sons e a que ele acreditava ser a mais difícil, por ser complicado ensinar ao surdo à essência do som, porém considerava ser a mais relevante para o aprendizado. Este método tornou-se referência para outros educadores da Europa. Johann Konrad Amman (1669-1724), médico suíço, abandonou os meios da medicina e se dedicou à educação de surdos. Utilizava o método da leitura labial, por meio do espelho, no qual ele fazia com que seus discípulos surdos, além de reproduzirem os movimentos da linguagem, também constatassem por meio do tato as vibrações da laringe, para conseguirem relacionar cada som aprendido com a imagem escrita, método que se tornou muito relevante para a educação de surdos e persiste até os dias atuais (WERNER *apud* SOARES, 1999, pp. 17-18). Conforme Silva (2009),

mesmo sendo contra o uso de sinais, Amman ainda sim os utilizava para que os surdos adquirissem a fala.

Em contrapartida, segundo Strobel (2009), Charles-Michel de L'Épée (1712- 1789) ao conhecer duas irmãs gêmeas surdas, percebeu que elas conversavam uma com a outra por meio de gestos, o que despertou seu interesse diante dessa comunicação, tanto que ele continuou tendo contato com outros surdos pobres que andavam sem destino pela cidade de Paris, buscando aprender esses gestos e iniciou pesquisas importantes sobre esse meio de comunicação entre os surdos. Segundo Silva (2009), outro motivo também que despertou o interesse de L'Épée foi a questão religiosa, pois os surdos estavam sentenciados pela igreja, não podiam se confessar, tão pouco receber instruções e exercer os preceitos da igreja. Após aprender os gestos, ele começou ensinando os surdos em sua casa sobre religião e outros conteúdos escolares, que possibilitou que seus alunos surdos conseguissem ler e escrever em francês.

Charles-Michel de L'Épée criou a primeira escola de surdos em 1760, o Instituto Nacional de Surdos - Mudos de Paris com a preponderância do Método Combinado. L'Épée recebeu em sua escola todo tipo de criança surda, o que o levou a desenvolver uma linguagem apoiada nos sinais utilizados pelos surdos da época que possibilitasse o desenvolvimento de um ensino rápido e permitisse que seus alunos se tornassem indivíduos adaptados à sociedade (SOARES, 1999).

L'Épée foi o primeiro educador de surdos a reconhecer que os surdos possuem uma comunicação imprescindível para a sua educação, assim no seu método a oralização deixou de ser o foco, sendo o primeiro professor a perceber a importância de se utilizar os sinais na educação de surdos, por isso ele cria o método de sinais combinado, que segundo Strobel (2009) é constituído com a utilização de sinais e a gramática francesa sinalizada, sendo muito reprimido por seu método, pelos educadores oralistas.

Todas as despesas para a instrução dos surdos era custeado por caridades da sociedade e da própria família dos surdos, sendo que ele preparou muitos professores para instruir os surdos, além de, segundo Silva (2009) contar com a ajuda de um intérprete de língua de sinais em sua sala de aula para ajudar na instrução dos surdos.

Assim, é importante ressaltar que o fato dele ter reconhecido a comunicação dos surdos como fundamental em sua educação, pôde mostrar para a sociedade da época as aptidões que eles tinham essas antes demonstradas somente pelos ouvintes ou surdos oralizados (MOURA, HARRISON e LODI, 1997).

1.5. Idade Contemporânea (1789-1900)

O trabalho realizado com sinais teve início em vários países da Europa e depois se estendeu aos Estados Unidos, realizado prioritariamente pelo americano Thomas Gallaudet (1787-1851) e o professor surdo francês Laurent Clerc (1785-1869). Gallaudet demonstrou preocupação com a educação de surdos no seu país e então viajou para a Europa em 1816 a procura de técnicas para o ensino de surdos, mas não obteve tais informações na Inglaterra, o que fez com que ele viajasse para a França em 1816 após ter conhecimento sobre o método utilizado por L'Épée e assim conseguiu realizar um estágio no Instituto Nacional para Surdos-Mudos de Paris. Lá ele conheceu Laurent Clerc, antigo aluno de L'Épée, que o instruiu no aprendizado da Língua de Sinais Francesa e no Método Combinado desenvolvidos por L'Épée e nesse mesmo ano (1816), Gallaudet faz um acordo com Clerc para irem juntos para os Estados Unidos aplicarem tais técnicas ao ensino de surdos americanos (MOURA, HARRISON e LODI, 1997).

Ao retornarem em 1817 para os Estados Unidos criaram a primeira escola pública para surdos, a Hartford School, em Connecticut, na qual nas salas de aulas, além dos sinais já utilizados pelas crianças surdas americanas foi introduzido o Método Combinado de L'Épée ajustado para a instrução do inglês escrito. Em outras palavras, a língua francesa foi levada por Clerc junto com o alfabeto manual francês, como meio de instrução das crianças surdas e a Língua de Sinais Francesa foi sendo substituída gradativamente pela Língua de Sinais Americana, não deixando de possuir algumas semelhanças entre ambas, sendo também usado o inglês escrito e o alfabeto digital (MOURA, HARRISON e LODI, 1997).

Conforme Moura, Harrison e Lodi (1997), a educação de surdos obteve êxito nos Estados Unidos e em 1864, Edward Gallaudet (1837-1917) criou a primeira e até hoje única universidade de surdos no mundo, a Universidade Gallaudet, nos Estados Unidos.

Dessa forma, em 1878 aconteceu o I Congresso Internacional de Surdos-Mudos em Paris, onde se manteve que o melhor método de instrução para estudantes surdos, seria aquele que juntasse a articulação com a leitura das palavras nos lábios, preservando o uso gestual como subsídio para mediação entre professores e alunos no momento do período inicial (SOARES, 1999).

De acordo com Soares (1999), até 1880 a educação de surdos tinha como base a oralização apoiado ao uso de sinais, conhecido como Método Combinado, porém isso foi modificado com o II Congresso Internacional de Surdos-Mudos, em Milão, em 1880, que

repeliu o uso concomitante da fala e do gesto, sendo definido o Método Oral Puro, no qual a fala se tornaria a prioridade na educação de surdos.

Esse congresso contou com a participação de educadores de surdos (ouvintes) de vários países e somente um educador surdo e para garantir que essa técnica oral pura fosse realmente utilizada nas escolas e as crianças não usassem a comunicação por sinais, propôs-se pelos oralistas o afastamento de professores surdos das escolas e o banimento do uso do Método Gestual, conseqüentemente a comunicação por sinais (MOURA, HARRISON e LODI, 1997).

O médico Friedrich Bezold (1842-1908), que atuou no Instituto de Surdos- Mudos de Munique na Alemanha, observou alunos surdos e constatou que nem todos eram surdos por inteiro, pois alguns ainda possuíam algum resquício que possibilitasse a percepção da voz humana. Nesse sentido, de acordo com essas análises, Bezold chegou à conclusão de que era preciso separar os alunos que tinham bons resquícios auditivos das instituições de surdos, sendo proposto que eles fossem ensinados em classes especiais de audição (WERNER *apud* SOARES, 1999, p.32).

Ainda conforme Werner *apud* Soares (1999, p. 32), isso gerou um conflito entre os médicos e pedagogos, pois os médicos recomendaram que esse ensino fosse dado conforme o grau dos resquícios auditivos e que o ajuntamento dos alunos fosse feito por classe, acompanhando o mesmo princípio. No caso dos pedagogos, estes defendiam a ideia de que a distribuição tinha que ser feita conforme o grau de inteligência, não sendo levados em consideração os resquícios auditivos.

Dessa forma, ao analisarmos que o progresso na educação de ouvintes não se assemelha ao progresso da educação de surdos, vemos que a preocupação é tão somente fazer com que os surdos utilizem da melhor forma os seus resquícios auditivos para obterem competência na língua oral. É importante ressaltar, no entanto, que nesse contexto há a ausência daquilo que realmente é necessário para acrescentar na formação de qualquer sujeito como cidadão, que é propiciar o desenvolvimento da capacidade de obter conhecimento.

1.6. Principais acontecimentos históricos na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil

No presente momento em que nossa sociedade está situada, ela experimenta realidades econômicas, culturais, sociais, geográficas e políticas, que são resultados do desenvolvimento da globalização, da tecnologia, do conhecimento das novas tecnologias de comunicação, na

modificação do pensamento do Estado e nos modelos da ciência e do conhecimento, que irão demandar da sociedade uma maior qualificação para o mercado de trabalho, além de determinar a segregação ou a inserção dessas no âmbito social.

Diante disso, a história da educação no Brasil se inicia no período colonial com a chegada dos Jesuítas pela Companhia Missionária de Jesus em 1549, eles que fundaram escolas elementares, secundárias, missões e seminários em várias partes do Brasil, que por sua vez, eram apoiadas financeiramente pelo Estado Português, com o objetivo de catequizar os índios e ensinar os filhos brancos dos colonos, assim como pôr em ordem a parte burocrática da nascente brasileira e também auxiliar na formação de sacerdotes para a catequese. O ensino nessa época era importante para a conservação dos preceitos morais e para a propagação dos ideais da Igreja (ROSÁRIO E MELO,2015).

O plano de ensino utilizado pelos jesuítas era organizado por meio do RATION STUDIORUM, este que possuía o curso de Humanidades, denominado de estudos inferiores e após concluírem essa etapa dos estudos, seguiam para os estudos superiores, que correspondia aos cursos de Teologia e Filosofia (TOYSHIMA E COSTA, 2012). Os Jesuítas foram expulsos do Brasil em 1579 pelo Marquês de Pombal. Dessa forma, as aulas ministradas por meio do RATION STUDIORUM foram substituídas pelo ensino das aulas régias, que eram oferecidas por pessoas convocadas e que não possuíam nenhuma formação ou currículo que as guiassem para serem professores (MOVA – BRASIL 10 ANOS,2013).

Mais tarde, no período de 1808 a família Real Portuguesa chega ao Brasil e se instala no Rio de Janeiro, o que fez com que a Coroa Portuguesa desenvolvesse meios na área da cultura e da educação para a instrução deles, apesar de ainda não possuírem um currículo bem organizado. Do período de 1808 até a Proclamação da Independência no Brasil, nada ocorreu para a organização da educação popular, por outro lado somente favorecia a classe dominante que possuía bens (MOVA – BRASIL 10 ANOS,2013).

De acordo com o Mova Brasil – 10 anos (2013), o Governo Central no início do século XIX se responsabilizou somente pela educação da elite, sendo que a educação da sociedade carente ficou sob a responsabilidade das províncias, que excluiu as mulheres e os negros escravos de serem instruídos. Porém na segunda metade do século XIX, ocorreu de também começarem a instruir os negros, estes nomeados: “**Negros de Ganho**”, para trabalharem para outras pessoas e entregarem todo o dinheiro conquistado para seus senhores.

O Império (1822- 1889) por sua vez, possuía uma legislação que autorizava as escolas, a oferecerem o ensino à noite para essas pessoas menos favorecidas, com o sentido de caridade, sem precisarem pagar. Nesse período, é possível compreendermos o aparecimento

de uma visão que persiste até os dias de hoje, de que o ensino de Jovens e Adultos pode ocorrer de qualquer forma e sob qualquer espaço, assim como o indivíduo menos favorecido pode ser instruído com qualquer professor e conteúdo. Essa instrução no período da noite e a alfabetização no exército foram às primeiras ações na Educação de Adultos no fim do século 19, sendo que a preocupação diante do analfabetismo das pessoas menos favorecidas, tem início na República Velha (1889- 1930), período em que são iniciadas as reformas na educação, mas que ainda não atingem a Educação de Adultos (MOVA – BRASIL 10 ANOS,2013).

Com o crescimento das indústrias na zona urbana, os indivíduos do meio rural sentiram a necessidade de se deslocarem para a cidade para tentarem uma vida melhor, sendo que com o decorrer dos tempos e com a evolução industrial, a classe dominante começou a perceber que era preciso ter um operário que conseguisse raciocinar e até mesmo refletir sobre determinados assuntos de seu trabalho, ou seja, uma mão de obra especializada.

Então foi desenvolvida a Constituição de 1937, sem haver uma reflexão a respeito da miséria e do analfabetismo que grande parte da sociedade estava vivendo, mas com foco político-educacional capitalista, cujo objetivo era criar áreas de trabalho que estavam sendo solicitadas pelo mercado. Gustavo Capanema (1900-1985) desenvolveu as Leis Orgânicas no Ministério da Educação e em 1942 as promulgou, onde instituiu uma educação profissional voltada para essa grande parte da sociedade sem condições financeiras e uma educação secundária para a elite que exercia poder sobre essa sociedade menos favorecida (SCHEIBEL E LEHENBAUER, 2006).

Nesse mesmo ano foi desenvolvido o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) dirigido por uma organização dos empresários, para educar os trabalhadores menos favorecidos para a indústria fordista-taylorista⁴. Outro marco importante que contribuiu para a alfabetização de adolescentes e adultos foi à questão do voto, pois com um adulto analfabeto era impossível ter votos, sendo necessário alfabetizá-lo para então se ter eleitores, o que motivou a criação de escolas para adultos e adolescentes, o supletivo.

Getúlio Vargas (1882-1954) ao conquistar a posse de presidente provisório do Brasil em 1930, expôs um programa de reconstrução para todo o país, e no que diz respeito à educação, seu programa abordava a propagação abundante do ensino público e técnico

⁴Taylorismo é uma forma de organização da produção industrial por meio de métodos de experimentação do trabalho, regras e maneiras padrões, de executar o trabalho para aperfeiçoar a relação entre tempo e movimento. Fordismo é uma forma de organização da produção industrial que incorporou elementos do taylorismo em sua dinâmica, para o controle do processo de trabalho, além de procurar conquistar a adesão do trabalhador e possibilitar grandes ganhos na produtividade (RIBEIRO, 2015, p.66-68).

profissional. Com a criação do Ministério da Educação e Saúde, seu primeiro titular foi Francisco Campos (1891-1968), este que pertencia a um grupo de educadores do movimento da Escola Nova, que inseriu no Brasil o pensamento liberal democrático com escola pública, gratuita e laica para todos (SCHEIBEL E LEHENBAUER,2006).

Mas segundo Scheibel e Lehenbauer (2006) em 1931, Francisco Campos que já tinha o apoio de Getúlio Vargas estabeleceu em todo o país uma reorganização na educação, que privilegiava a educação comercial, secundária e superior, onde o currículo sugerido ao ensino médio era designado às elites, porém o ensino primário e a ampliação do ensino não contemplaram as camadas populares, além de não abarcar o Ensino Normal para a formação de professores para a docênciaprimária.

Em 1946, após a decadência do sistema político de Getúlio Vargas, foi publicada uma nova Constituição, que recuperou os preceitos morais da Constituição de 1934, que instituiu ser: dever do Estado à sustentação e ampliação da educação pública, a obrigação e gratuidade da educação primária e dos outros níveis do ensino oficial para o sujeito que justificasse não ter condições financeiras, a recuperação de concursos públicos para o magistério público em nível secundário e superior, e os encargos da União de criar leis diante das diretrizes do ensino em todo o país (SCHEIBEL E LEHENBAUER, 2006).

Após percorrer treze anos no Congresso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) foi publicada em 1961, pelo então presidente da República João Goulart (1919-1976), surpreendentemente o artigo 30 voltou no tempo, não mais impôs a instrução da educação primária para quem não tivesse condições, alegando incapacidade das escolas para receberem esses alunos, matrículas já concluídas e as anormalidades e enfermidades que as crianças possuíam, dando continuidade as ideias de Getúlio Vargas (SCHEIBEL E LEHENBAUER,2006).

O século XX é definido pelo pensamento de que o analfabetismo é consequência da tardança social, que por sua vez, é enxergado como um “câncer que necessita ser eliminado”, sendo que em 1915 é criada a Liga Brasileira, com o objetivo de extinguir o analfabetismo, mas que ainda não possuía políticas de educação voltadas para aeducação de adultos. Em 1945, o Fundo Nacional do Ensino Primário destinou 25% das transferências que a União realizava, para o ensino supletivo dos adultos e após dois anos, foi desenvolvido o Serviço de Educação de Adultos no Departamento Nacional de Educação por Lourenço Filho⁵(1897-

⁵Manoel Bergstrom Lourenço Filho nasceu no dia 10 de março de 1897 na Vila de Porto Ferreira São Paulo (SP), sendo seu nome mais tarde reduzido para Lourenço Filho. Desistiu do curso de medicina e escolheu a carreira do magistério, onde mais tarde, no ano de 1920 foi nomeado professor substituto de Pedagogia e

1970) (MOVA – BRASIL 10 ANOS, 2013).

Após a Ditadura do Estado Novo, a educação de Jovens e Adultos se tornou responsabilidade do Governo que começou a destinar recursos, que antes era exclusivamente aplicado ao Ensino Básico Regular. Apesar dessa responsabilidade assumida pelo Governo, isso não representou avanços importantes para o currículo e os métodos adotados para o ensino de Jovens e Adultos, que ainda recebiam a instrução de professores, que eram habilitados a ensinar somente crianças, assim como os materiais didáticos utilizados por eles em sala de aula, sem levar em consideração o conhecimento e a experiência de vida dos alunos adultos.

Os movimentos de cultura popular estavam aumentando no começo dos anos de 1960, uma vez que o objetivo desses movimentos era lutar pelos indivíduos mais pobres, assim como os que moravam no campo, para serem alfabetizados e conseguirem dar continuidade aos seus estudos. Esses movimentos foram importantes para a criação do Programa Nacional de Alfabetização em 1964, que tinha como princípio o Sistema Paulo Freire, um programa que teve a duração de 80 dias, cujo objetivo era mostrar a possibilidade de se vencer o modelo assistencialista e compensatório que foi marcado o ensino supletivo desde que foi criado (MOVA – BRASIL 10 ANOS, 2013).

Paulo Freire enxergava o analfabetismo não como uma erradicação a ser vencida pela situação da pobreza, pelo contrário, era vista como o resultado de uma sociedade construída em desigualdades sociais. Para ele a educação de adultos teria que ser com qualidade e que de fato fizesse sentido na vida deste, de modo a possibilitar que o mesmo se tornasse crítico e refletisse em tudo que aprendesse, para contribuir no sucesso de seu futuro, conforme ele menciona abaixo:

Inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica do ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. (FREIRE, 2008, p. 19).

Por outro lado, foi desenvolvido um projeto, um programa assistencial e tradicional, o

Educação Cívica na Escola Normal Primária. Em março de 1932 recebeu um convite de Anísio Teixeira para administrar o Instituto de Educação do Distrito Federal, permanecendo até 1937 como diretor e como professor de Psicologia Educacional até 1938. Além de escrever o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (MONARCHA; FILHO, 2001, p.23, 24,28 e 34).

Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), com a finalidade de se alfabetizar de modo funcional cidadãos de 15 a 30 anos, sem o domínio da leitura e da escrita (SILVA,2014).

Este programa criado em 1967, alcançou todo o território brasileiro até a metade da década de 80, além de contar com a ajuda do Programa de Educação Integrada (PEI) que possibilitou a continuação dos estudos para os recentes alfabetizados, com péssimas condições do domínio da escrita e da leitura, formando o indivíduo somente para o trabalho e não para uma formação cidadã, sem que ele pudesse questionar ou refletir. Por fim o Mobral não conseguiu obter os resultados almejados, chegando a ser julgado como um gasto desnecessário e um programa sem eficiência, sendo em 1985 substituído pela Fundação Educar, está que já estava sob encargo do Ministério da Educação (MEC) e com propósitos particulares de alfabetização (MEC,2000).

Já no que se refere à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1971, Lei n.5.692/71, já encontrava-se determinada a responsabilidade do Estado em ofertar o ensino às crianças de 7 a 14 anos e foi incluído um capítulo especialmente dedicado ao ensino supletivo, cujo capítulo é o IV, abarcando objetivos importantes para a contribuição e sucesso desse ensino, como exemplo no artigo 24, parte a, explicitava que a finalidade do supletivo é: *“suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não tenham seguido ou concluído na idade própria”*.

A década de 80 do século XX foi marcante para o ensino supletivo, pois foi crescendo o número de projetos e pesquisas no ramo da alfabetização de adultos. O trabalho pedagógico nessa modalidade passou a ter uma maior relevância e atenção a partir de 1990, pois a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) organizou conferências que possibilitaram o reconhecimento dessa modalidade de ensino em vários países, de modo que foi essencial para o despertar nacional no Brasil, um estímulo significativo com o intuito de orientar objetivos para ações no ensino supletivo (CRUZ *et al.*, 2012).

Atualmente, encontra-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei n. 9.394, de 20 de Dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), que é dever do Estado à responsabilidade de garantir a igualdade de ingresso e continuidade na escola, oferecendo instrução de qualidade, valorizando o conhecimento extra escolar, além de oferecer também o ensino fundamental e médio gratuito e obrigatório, para todo o cidadão que por algum motivo não pôde adquiri-lo em idade apropriada. Assim de acordo com Cruz *et al.* (2012), o antigo ensino supletivo obteve um novo nome, passando a denominar-se Educação de Jovens e Adultos (EJA) com

uma orientação mais significativa, que é permitir que o aluno esteja preparado para ser incluído ou reincluído no mercado de trabalho.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da educação ofertada pelas escolas públicas e privadas do Brasil, com o propósito de proporcionar uma instrução de qualidade ao cidadão com idade avançada, que por algum motivo não pôde finalizar seu ensino fundamental ou médio. Apesar de oferecer o ensino de qualidade e permitir que o cidadão conclua seus estudos, outro fator se torna primordial para a criação de escolas na modalidade EJA, que é lhe permitir o direito de ser um autêntico cidadão, que passe a ter consciência dos seus deveres e direitos, sendo capaz de intervir de modo crítico sobre a sociedade em que está situado.

De acordo com as Diretrizes Operacionais da Educação de Jovens e Adultos 2014/2017 do DF (GDF, 2014), o ensino de Jovens e Adultos deve ser oferecido em regime semestral, por meio de Segmentos e Etapas pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, sendo que cada Segmento corresponde às etapas da Educação Básica com carga horária específica, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 1 - Segmentos na EJA

SEGMENTO NA EJA	CORRESPONDÊNCIA	ETAPAS NA EJA	CARGA HORÁRIA
1º Segmento	Anos Iniciais do Ensino Fundamental	1º a 4º	1600 h
2º Segmento	Anos Finais do Ensino Fundamental	5º a 8º	1600 h
3º Segmento	Ensino Médio	1º a 3º	1200 h

Fonte: Diretrizes Operacionais da Educação de Jovens e Adultos do DF (2014/2017) (GDF, 2014).

No ano de 2000 foi determinado pelo Conselho Nacional de Educação, por meio do Parecer nº 11 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, as incumbências e as bases legais da EJA estabelecidas na LDB, nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Segundo Silva (2014), o Ministério da Educação (MEC) no mês de Janeiro de 2003 publicou que a alfabetização de jovens e adultos seria prioridade do governo federal com o intuito de eliminar o analfabetismo, sendo desenvolvido a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo para suprir essa prioridade. Então o MEC criou o Programa Brasil Alfabetizado auxiliando os órgãos públicos estaduais e municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos para o desenvolvimento de meios para a

alfabetização de jovens e adultos e formação de alfabetizadores.

Com o Decreto nº 5.840, de 13 de Julho de 2006, no artigo 1º foi estabelecido em domínio federal o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), para dispor de uma formação inicial e continuada para os trabalhadores, além da Educação Profissional Técnica a nível médio.

De acordo com Ministério da Educação (2016) a Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos (CNAEJA) é constituída por membros dos governos federais, estaduais e municipais e representantes de instituições de ensino superior e movimentos sociais, que se reúnem periodicamente para observar e avaliar as ações da EJA e a realização do programa Brasil Alfabetizado, tendo também outro papel importante, de entregar a Medalha Paulo Freire a pessoas e instituições que se sobressaiam no empenho da universalização da alfabetização no Brasil.

No que diz respeito à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão Social (SECADI) em união com os sistemas de ensino, executa políticas educacionais nas áreas de alfabetização e educação de jovens e adultos, educação em direitos humanos, educação ambiental, educação especial, escolar indígena, do campo, quilombola e educação para as relações étnico- raciais, com o propósito de auxiliar o crescimento da inclusão nos sistemas de ensino, retomando a importância de se valorizar as diferenças e a diversidade, com a melhoria da educação inclusiva, dos direitos humanos e da sustentabilidade socioambiental, dirigindo o olhar a realização de políticas públicas transversais e intersetoriais (MEC,2016).

Dessa forma, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão Social (SECADI) juntamente com a Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos (CNAEJA), precisam levar em consideração a importância de se construir um mapa e reconhecer as ações de alfabetização que apresentem efeitos agradáveis, assim como pôr em evidência a resistência de pesquisas, ainda que estejam em processo de desenvolvimento nas instituições e universidades que tenham vínculo com a educação de jovens e adultos, além da necessidade premente de se realizar um censo voltado para a EJA, para ter conhecimento de onde os indivíduos estão inseridos e que necessitam ser atingidos pela política, para que assim ela possa se concentrar naqueles que mostram alto índice de analfabetismo. Essa política precisa abranger os movimentos sociais, ONGs (Organizações não Governamentais) e a sociedade no momento em que for elaborado e também para ser monitorado (MOVA - BRASIL 10 ANOS,2013).

O projeto Mova-Brasil já marcha nesse propósito, pois por meio do coletivo da EJA conta com a participação de professores, alunos, gestores e pesquisadores que participam dos fóruns, seminários e também com ações e participação da sociedade. O Mova-Brasil tem cooperado na união da alfabetização e formação profissional na expectativa socioambiental e sociocultural ao admitirem que os jovens, adultos e idosos conseguem edificar sua instrução por meio de seu aprendizado pessoal, social e profissional e conseguem incorporar em sua alfabetização, ou seja, fazem uso da metodologia Freiriana que valoriza esses conhecimentos em sala de aula (MOVA - BRASIL 10 ANOS,2013).

De acordo com o Mova – Brasil 10 anos (2013), na segunda década do século XXI começa a se entender que é importante que a sociedade se envolva nas políticas públicas, de modo que o método de se zerar o analfabetismo ocorra rápido, para que nosso País seja desenvolvido de forma mais justa para todos. Diante desse contexto tornou-se fundamental e improrrogável o debate sobre os problemas da formação profissional, diante das sugestões de alfabetização de jovens, adultos e idosos, estes que já tem vida econômica e social em exercício, mas que estão excluídos do mercado de trabalho, que exigem cada vez mais um grau de conhecimento elevado da escrita, da leitura e do cálculo matemático para conseguirem se desenvolver nas áreas de trabalho, assim como possibilitar uma boa relação profissional e pessoal.

2. EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL: foco na EJA

No que tange à educação de surdos no Brasil, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), antes denominado como Instituto Nacional de Surdos-Mudos, foi fundado em 26 de setembro de 1857 no Rio de Janeiro, por D. Pedro II (1825-1891) e pelo professor surdo francês Eduardo Huet, constituiu-se como a primeira instituição criada para educação de surdos no Brasil e sustentada pelo Governo Federal (INES, 1998 *apud* SILVA *et al.*, 2009, p.179).

Conforme o INES (1998) *apud* SILVA *et al.* (2009, p. 179), este instituto recebia somente meninos surdos oriundos de várias partes do país em regime de internato até concluírem todo o processo de sua educação. A partir do ano de 1931, o ensino foi estendido à educação de meninas surdas, com a criação de um externato com oficinas de bordado ecostura.

As crianças faziam o uso dos sinais que já possuíam antes da fundação do instituto e foram apresentados a Língua de Sinais Francesa e ao Método Combinado, trazidos por E. Huet, uma vez que a educação dele ocorreu no Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris. Após concluírem a educação, os alunos voltavam para suas casas com a língua de sinais aprendida no instituto, propagando-a em suas regiões até chegar ao que conhecemos hoje como Libras (INES, 1998 *apud* SILVA, *et al.*, 2009, p. 179).

Ainda com relação à história da educação de surdos no Brasil, destacamos que Ana Rímoli foi diretora do Instituto Nacional de Surdos-Mudos no período de 27 de fevereiro de 1951 até 7 de abril de 1961, onde se encarregou de executar o primeiro Curso Normal de Formação de Professores para Surdos no Brasil, que durou cerca de 3 anos, considerado como semelhante aos cursos de grau médio. Os alunos que moravam no Rio de Janeiro frequentavam o Instituto em regime aberto e os de outros estados em regime fechado (SOARES, 1999).

Conforme Soares (1999), em sua gestão Ana Rímoli também fez com que o Método Oral Puro fosse adotado no Instituto Nacional de Surdos-Mudos, decisão que teve como base as análises e testes feitos nos Estados Unidos, estes que por sua vez, ao serem publicados foram designados a guiar professores e pais de crianças surdas para auxiliá-los, com o objetivo de estimular um melhor entendimento e enunciação da linguagem oral.

É essencial destacar que o Método Oral Puro dirigia-se à instrução da fala, com ações presumidas por parte do aluno surdo para o desenvolvimento de sua leitura labial ou orofacial, percepção auditiva e produção articulatória, sem nenhuma alusão a instrução de conteúdos

escolares, bem como o currículo que envolvia as disciplinas aplicadas a instrução do primário naquela época (SOARES, 1999).

Todo esse contexto oralista serviu de apoio para a educação dos alunos do Curso Normal de Formação de Professores para Surdos, pois de acordo com os pressupostos acadêmicos daquele período:

“As crianças surdas serão mais felizes e alcançarão o nível das demais crianças, que no seio da sociedade vivem, quando nós lhes ensinarmos a falar e a compreender o que os outros dizem. (...). Se a ciência já colocou ao nosso alcance os recursos para esse auxílio - que tem o cunho do dever - por que não trabalhar por ele?” (DÓRIA *apud* SOARES, 1999, p77).

Vale ressaltar ainda que, em 1930, por meio de um grupo de ex-alunos surdos do INES no Rio de Janeiro foi fundada a primeira Associação Brasileira de Surdos, que mais tarde tornou-se inativa (MONTEIRO, 2006).

Apesar da educação de surdos nesses dois institutos terem sido bastante influenciadas inicialmente pelo trabalho desenvolvido no Instituto Nacional de Surdos- Mudos de Paris, posteriormente o Brasil também adotou os pressupostos e técnicas recomendadas pelo Método Oral Puro.

Com relação aos alunos, o número maior de surdos era pertencentes às famílias de pequenos lavradores ou de pobres operários que não tinham condições de oferecer educação a seus filhos. Em 1957, a denominação dada ao Instituto, sofre alteração, passando a ser designado Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) em permutação ao Instituto Nacional de Surdos-Mudos (SOARES, 1999).

Outro marco histórico foi à criação oficial em 1978 no Rio de Janeiro, por meio de reuniões com especialistas ouvintes que eram conectados a área da surdez, da FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo), que despertou mais tarde o interesse da participação de surdos (RAMOS, 2004).

No dia 16 de maio de 1987, por meio de uma votação que ocorreu em uma assembleia geral para o fechamento da FENEIDA, um grupo de surdos se reúne e sugere que seja criada a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), esta que foi criada e persiste até os dias atuais (RAMOS, 2004). Segundo Monteiro (2006) é uma organização filantrópica, sem fins lucrativos e que estende movimentos educacionais e políticos, cujos objetivos é a luta pelo direito social, cultural, educacional, o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e o cuidado com a união entre os surdos.

Finalmente, em 24 de abril de 2002 foi criada a Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002), que

reconheceu como legítima a comunicação utilizada pelas pessoas surdas no Brasil, sendo regulamentada em 22 de dezembro de 2005 por meio do Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005). Dessa forma, por meio da luta da comunidade surda foi reconhecida a Libras como a língua das comunidades surdas, com a possibilidade de adquirir informação por meio dela e com sua propagação no ensino. Esse decreto também trata da formação do professor de Libras e da formação do tradutor-intérprete de Libras/Língua Portuguesa, garantindo à comunidade surda o direito à educação bilíngue. Diante de todo esse contexto histórico, podemos anunciar que diante dessa trajetória, diferentes abordagens educacionais foram desenvolvidas na educação de surdos, as quais serão detalhadas no próximo capítulo.

2.1. Educação de surdos e a EJA

De acordo com Silva (2014), a educação de surdos sempre esteve ligada à educação especial, onde as metodologias pedagógicas não satisfaziam as particularidades dos alunos surdos enquanto membros da sociedade, visto que o foco estava direcionado ao ensino do método oralista, que se manteve por muito tempo inserido na instrução das pessoas surdas, coagindo-os a falarem oralmente, para tanto desenvolviam treinos fono-articulatórios e auditivos, além de serem proibidos de utilizarem a língua desinais.

A inclusão na EJA não é tão importante se não houver o estímulo do Governo, do Município e de toda a comunidade escolar na busca de transformações no sistema educacional, de modo a contribuir para a formação do aluno surdo, como cidadão preparado para a vida e o para mercado de trabalho (SILVA,2014).

Assim conforme Silva (2014), essa inclusão do sujeito surdo no sistema educacional está sendo edificado a cada dia, visto que os métodos pedagógicos desenvolvidos dentro de grande parte das escolas, ainda não apreciam o desempenho e a capacidade dos alunos surdos ou com outras necessidades educacionais especiais.

2.2. O sujeito surdo e sua inserção no mercado de trabalho

Diante do contexto histórico em que a educação de surdos foi sendo desenvolvida, percebemos que durante muito tempo os ouvintes enxergaram os surdos como seres limitados a realizarem ações semelhantes à comunidade ouvinte, isso por não conseguirem ouvir, como se a audição fosse à limitação mais profunda para a realização dessas ações e os surdos incapazes de serem inseridos nesse contexto. Mas o meio encontrado pelos ouvintes para a

inclusão dos surdos, foi por meio da imposição do oralismo, ou seja, o ensino da fala oral e somente assim iriam conseguir ser inseridos no que a sociedade ouvinte enxergava como o normal e aceitável, mas o que de fato não é o caminho mais sensato para a inclusão dos surdos, uma vez, que eles possuem capacidades excepcionais de utilizarem a sua própria comunicação por meio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), sem sofrerem tanto com as imposições ouvintistas⁶.

Outro fator que acontece, é que a comunidade ouvinte não deseja sair do seu comodismo e aprender a Língua Brasileira de Sinais, pelo contrário prefere impor sua língua a comunidade surda, alegando ser maioria, do que aceitar que cada um vive uma realidade diferente e que consegue dentro dessa realidade particular, superar suas limitações, a partir do momento, que lhe são dadas as devidas oportunidades para que essa inserção ocorra de modo satisfatório e eficaz.

Apesar da luta dos surdos por sua inclusão na educação e com uma educação de qualidade, percebemos também que há outro meio de luta para sua inserção, que se trata do mercado de trabalho, pois uma vez, que concluem seus estudos, possuem o mesmo desejo que os demais cidadãos ouvintes, de conquistarem uma oportunidade no mercado de trabalho, este que se torna exigente e indiferente ao se deparar com um cidadão surdo.

De acordo com Evangelista *et al.* (2014) o Brasil então se apoia em duas Normas Internacionais para lutar contra essas diferenças, por meio da Convenção nº 159/83 da OIT (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO) e a Convenção

Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Pessoas Portadoras de Deficiência, que foi publicada por meio do Decreto nº 3.956 de 8 de Outubro de 2001, que expressa:

Reafirmando que as pessoas portadoras de deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que estes direitos, inclusive o direito de não ser submetida à discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e da igualdade que são inerentes a todo o ser humano (BRASIL,2001).

Conforme o Decreto nº 5.626, Capítulo I (BRASIL, 2005), deficiência auditiva é: a perda bilateral, parcial ou total, de 41 decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500 Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

É importante levar em consideração que a capacidade do surdo para ser inserido no

⁶Ouvintismo é uma representação do ouvinte, onde ele se coloca como superior ao surdo (MARTINS E KLEIN, 2012, p. 6)

mercado de trabalho, não se limita ao quanto ouve, pelo contrário ele possui capacidades para serem incluídas nesse meio, desde que suas particularidades para o cargo desejado, sejam respeitadas com sabedoria e sensatez.

Vale destacar que, a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) no dia 13 de Dezembro de 2006 legalizou a Convenção Internacional de Direitos da Pessoa com Deficiência, tornando-se em pleno século XXI o primeiro documento de direitos humanos e o oitavo da ONU, cujo objetivo é fortalecer os direitos humanos, que infelizmente estão sob ameaças de batalhas que a ONU considera ilegal, assim como o aumento do mercado global em prejuízo dos direitos sociais, que em um tempo anterior estavam estáveis (MAMNUAL MTE, 2007).

Ainda conforme o Manual do MTE (2007), todas as empresas, associações, sociedades e fundações que permitem pessoas trabalharem em seus ambientes, são obrigadas a aceitar também o cidadão com deficiência, assim se essas empresas empregam 100 ou mais pessoas, devem empregar também parte dos cargos aos cidadãos com deficiência. Assim como na Lei de Cotas, a Lei nº 8.213 (BRASIL, 1991), no artigo 93 institui: Art. 93 - A empresa com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência, habilitadas, na seguinte proporção:

Quadro 2 - Obrigação e aceitação de pessoas portadoras de deficiência nas empresas.

I	Até 200 empregados	2%
II	De 201 a 500	3%
III	De 501 a 1.000	4%
IV	De 1.001 em diante	5%

Fonte: Lei nº 8.213 (BRASIL, 1991), artigo 93.

Mesmo diante da legislação que garante o acesso do indivíduo surdo no mercado de trabalho de forma digna, de acordo com Evangelista *et al.*(2014), ainda existem empresas, organizações e órgãos que não sabem dessas informações para inserirem os indivíduos surdos ou quando não possuem entendimento para desenvolver essa inclusão.

A verdadeira exigência para que as empresas contratem os cidadãos surdos, é que de fato elas venham reconhecer que eles possuem aptidões para servirem aos requisitos exigidos para os cargos e a realização de suas atividades, de modo que assim eles sintam-se inseridos no mercado de trabalho e consigam conquistar com dignidade e por meio de oportunidades seu reconhecimento e espaço profissional.

3. FILOSOFIAS EDUCACIONAIS

Ao caracterizar que o grande obstáculo que os surdos enfrentam se refere à obtenção de uma língua que possibilite sua capacidade de adquirir conhecimento, as análises que abrangem o estado de indivíduo surdo são cobertas de indispensável relevância. A surdez, examinada somente pela perspectiva de desenvolvimento físico, mais que pela falta de uma língua, cria obstáculos ao convívio pessoal e inibe todo o crescimento psicossocial do indivíduo surdo.

No decorrer de toda a história da educação de surdos, podemos observar que ela passou por muitos modelos educacionais, nos quais as próprias filosofias educacionais foram questionadas em sua contribuição significativa e eficaz para a educação do surdo, sendo que dentre essas, temos: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

3.1. Oralismo

Segundo HASE (1990) *apud* Capovilla (2000, p. 101), na segunda metade do século XVIII existiam duas abordagens educacionais para a instrução dos surdos: uma que se baseava no método educacional de Charles-Michel de L'Épée (1712-1789) na França, que consistia no uso de sinais artificiais conhecido como Sinais Metódicos e a outra, baseada no método alemão de Samuel Heinicke (1727-1790) em Hamburgo e Leipzig, que dizia que como os surdos não possuíam uma língua, seria importante dar a eles uma língua: a língua oral.

De acordo com Sá (1999), a educação oralista é aquela que tem a intenção de tornar o sujeito surdo apto a adotar a língua oral como a única forma linguística possível para sua educação e integração, sendo feito também o uso da voz e da leitura labial, seja entre os vínculos com a sociedade, como em toda a sua instrução educacional.

O objetivo dessa educação oralista é direcionar o sujeito surdo no uso da língua oral de forma mais parecida ao modelo ouvintista, uma vez que acreditam que todos os surdos consigam apresentar as características essenciais para que isto ocorra, sendo importante trabalhar técnicas fonoarticulatórias, começando pelo pouco tempo de idade da criança surda, que terá ajuda do aumento sonoro de seus resíduos auditivos, por meio de aparelhos de amplificação sonora individual (AASI) ou também de outros meios técnico-eletrônicos, que sejam possíveis para a realização desses procedimentos. Apesar disso, percebemos que não há

um cuidado no aprendizado da escrita, dos conteúdos escolares, com a interação entre os surdos e com o afastamento de muitos adultos surdos do ambiente escolar, mas somente com o fato deles serem oralizados, o que trouxe como consequência uma má atuação da capacidade dos surdos de adquirirem o conhecimento, pois o seu principal foco era a aprendizagem da língua oral (SÁ, 1999).

Como resultado desta visão oralista, a educação de surdos sofreu uma queda profunda com relação à educação oferecida aos sujeitos ouvintes, sendo que essa visão só mudou a partir de 1980 em todo o mundo com o progresso da Língua de Sinais na educação (CAPOVILLA, 2000).

Vivemos em uma sociedade dominada pelos ouvintes e feita para os ouvintes, o que nos faz perceber que para eles a educação oralista depende mais dos surdos do que dos próprios ouvintes, ou seja, o próprio surdo precisa superar suas dificuldades e limitações para conseguir equipar-se ao ouvinte, de modo que a integração só ocorrerá de fato, se o surdo conseguir aprender a falar, a ler e a escrever como a maioria dos ouvintes (SÁ, 1999).

A educação oralista é profundamente contrária à utilização da Língua de Sinais ou algum código gestual, pois apesar de ser a melhor opção para a educação do surdo, não irá despertar nele o esforço indispensável para o aprendizado da língua oral, por demandar um processo árduo e com muita intensidade, de modo que não destaca o que o surdo tem, mas o que lhe carece (SÁ, 1999).

Conforme Sá (1999), Vygotsky (1896-1934), psicólogo russo, foi um dos mais inteligentes defensores do Método Oralista Puro para a educação de surdos, questionando a utilização dos sinais como ineficaz para o aprendizado da Língua Oral e que sem acesso à linguagem não haveria possibilidade de haver consciência e autoconsciência, pois é por meio desta que é possível ter ordem sobre a ação humana. Nesse contexto, ele definiu a comunicação por meio de sinais como uma mímica, que não possuía nenhuma estrutura gramatical, reduzida somente aos surdos e sem capacidade de propiciar reflexões.

No entanto, Vygotsky enxergava a oralização das crianças como antinatural e dolorosa. Mesmo assim, isso não se tornou impedimento para suas análises, pois considerava que a oralização continuava sendo o método mais eficaz para o surdo conseguir integração com a comunidade ouvinte (SÁ, 1999).

É importante ressaltar que quando o surdo foi exposto durante sua infância a Língua de Sinais, demonstrou que seu desenvolvimento se equipara ao desenvolvimento das crianças ouvintes, o que nos mostra que a Língua de Sinais é a melhor opção para a educação de surdos, uma vez, que é uma língua visual e não deriva da audição para ser alcançada.

Mais tarde Vygotsky então concluiu que os métodos orais, apenas capacitavam o surdo para serem oralizados na pronúncia, não os dirigia a uma linguagem viva satisfatória para a instrução dos conteúdos escolares e não os ajudava em seu crescimento para participar de modo agradável da sociedade. Então, o que ele acreditava ser o único meio para conseguir alcançar êxito na educação dos surdos, agora ele enxerga como um problema, por analisar que a ausência da linguagem no sujeito surdo é um grande empecilho, que necessita ser superado, por isso ele diz: “*é desejável recorrer à mímica visto que, sem utilizá-la como meio, o conteúdo da educação social é absolutamente ineficaz*” (SÁ, 1999, p.56).

Dos anos 1960 aos anos 1990 foram criados outros métodos com a esperança de se alcançar sucesso para que os surdos conseguissem ouvir e falar. Como exemplo, na década de 1960 houve a criação dos aparelhos auditivos e nos anos 1970 os projetos de intervenção precoce e o desenvolvimento de novos modelos de gramática. Nos anos 1980 foram criadas novas técnicas que tinham como objetivo o estudo dos sons das pessoas surdas e também a criação de programas de computador para ajudar no entendimento da fala, como o *Phonator* e o *VisibleSpeech*. Já nos anos 1990 foram feitos os primeiros implantes cocleares com a ajuda dos planos de exercício auditivo intenso para os primeiros anos de vida da criança surda (CAPOVILLA,2000).

Apesar da avaliação negativa que se tem atualmente sobre o Método Oral Puro, não vale dizer que haja uma renúncia do direito do indivíduo surdo de ser oralizado, caso ele mesmo ou sua família deseje, mas se une a contestação dos objetivos pedagógicos, do ambiente escolar e do tempo que se leva para educar um surdo com a técnica oral pura, estes resumidos a métodos de habilitação fonoaudióloga (SÁ,1999).

A tarefa de se educar os surdos tem sido agregada a Língua Oral, o que nos comprova currículos especiais atrasados, com relação ao conteúdo e a continuidade de surdos por muitos anos em classes, que não alcançam êxito no conteúdo das séries iniciais (SÁ, 1999).

Diante das dificuldades e dos transtornos que a educação oralista estava ocasionando à instrução do sujeito surdo, outro método foi adotado no Brasil, a fim de possibilitar que essa educação ocorresse sem tanto sofrimento, por meio da Comunicação Total, esta que ajudaria o surdo a alcançar o mesmo objetivo proposto antes, que é a aquisição e o desenvolvimento normal da linguagem e que não destacaria somente a língua oral, mas todo e qualquer meio provável, até mesmo com o uso da Língua Brasileira de Sinais.

3.2. Comunicação Total

Diante das inúmeras insatisfações que o método oralista vinha apresentando para a educação de surdos, para as famílias e para a escola, os professores tiveram a iniciativa de adotar outro método, a Comunicação Total, que ficou conhecida como sistemas de comunicação sinalizada. De acordo com Sá (1999), a Comunicação Total é o uso de todos os meios disponíveis para se instituir uma convivência com o sujeito surdo, que por não poder ouvir, possui obstáculos para conseguir se comunicar.

Dessa forma, a Comunicação Total vista como filosofia para a educação de surdos, tem como objetivo uma educação mais emocional, ressaltando as relações sociais, com o reconhecimento da surdez como uma particularidade do indivíduo surdo e não como uma deficiência e com o reconhecimento e valorização da Língua Brasileira de Sinais como direito fundamental da criança surda. Mas isso mudou, pois a Comunicação Total deixou de representar uma Filosofia Educacional, que era opoente ao oralismo para fazer parte de uma técnica manual do oralismo (SÁ,1999).

Então o propósito da Comunicação Total não é de que o surdo adquira duas línguas, mas fazer com ele seja instruído na Língua Oral, sendo os sinais um meio para conseguir alcançar essa língua. Durante o período de vigência da Comunicação Total foram criados vários sistemas artificiais, como o português sinalizado.

No que diz respeito à utilização do sistema de linguagem artificial, que é o português sinalizado, o propósito da Comunicação Total é fazer uso desse sistema para auxiliar na aprendizagem da Língua Oral, fazendo uso concomitante de sinais tirados da Língua Brasileira de Sinais ou de outros sinais não pertencentes a ela, para conseguir traduzir ao indivíduo surdo à estrutura da Língua Oral na sequência em que ela segue (SÁ, 1999).

Assim, de acordo com HASE (1990) *apud* Capovilla (2000, p. 108), diante do impacto realizado pelas pesquisas a respeito da Língua de Sinais americana nos anos 1970, a filosofia educacional Oralista cede lugar para a filosofia educacional da Comunicação Total, que utiliza sistemas artificiais de comunicação para propiciar a criança surda à aquisição da língua falada e ajudar no avanço da leitura e da escrita. É importante também destacar que, houve resultado positivo no período de vigência da Comunicação Total, pois foi analisada uma melhora na comunicação entre os surdos e ouvintes, porém no que diz respeito à aquisição da leitura e da escrita, ainda não eram satisfatórias para o bom desenvolvimento da educação de

surdos.

O que mais define a Comunicação Total é que a produção dos sinais adota como padrão a ordem da criação da língua falada, o que faz com que a criança surda seja obrigada a aprender os sistemas de regras gramaticais da língua falada por meio do uso de sinais, sem levar em consideração a regras gramaticais da Língua Brasileira de Sinais ou qualquer outro meio de sinais que realmente pertencem e fazem sentido a sua realidade.

Os pesquisadores do Centro de Pesquisa de Copenhague (Dinamarca) iniciaram uma sequência de investigações que registraram por meio de filmagens as conversas que os surdos tinham entre si, por meio da Língua de Sinais, o que possibilitou desvendar normas morfológicas, fonológicas e sintáticas da Língua de Sinais Dinamarquesa. A segunda linha de investigação também foi feita por meio de filmagens da aula ministrada pelas professoras deste centro de pesquisas aos alunos surdos, falando e sinalizando concomitantemente e depois foram mostradas a elas sem o som da fala. Isso fez com que houvesse um espanto entre todos, pois quando elas estavam incapazes de ouvir naquele momento a fala, as professoras sentiram um imenso obstáculo para compreender o que elas estavam sinalizando no vídeo, constatando que ao falarem e sinalizarem concomitantemente, elas ainda sim deixavam de fazer sinais e pistas gramaticais, estas importantes para o entendimento na comunicação dos surdos, mas até então elas acreditavam que estavam sinalizando corretamente cada palavra e regras gramaticais bem definidas em cada momento da fala (HASE, 1990 *apud* CAPOVILLA, 2000, p.108).

Conforme Capovilla (2000), isso veio como um problema diante da educação que os surdos estavam recebendo com a técnica da Comunicação Total, visto que as crianças surdas em sala de aula não estavam obtendo de forma satisfatória o conhecimento visual da Língua Oral, mas uma pequena parte imperfeita e incoerente dos sinais e das palavras faladas, que não eram por si só entendidas completamente, fazendo com que ao invés das crianças serem bilíngues para conseguirem obter a fala, estavam se tornando hemilíngues, sem ter uma aproximação completa com uma das línguas e sem ter a possibilidade de saber a diferença entre elas.

Apesar da utilização da Língua Brasileira de Sinais para auxiliar na obtenção da língua escrita e da fala, e antes não reconhecida como direito do surdo para sua educação, a Língua Oral já não estava mais se destacando como um meio do indivíduo surdo ser integrado a comunidade surda, pelo contrário, já estava sendo percebida pela comunidade, a exuberância que possuía a Língua Brasileira de Sinais.

Assim todos os dados obtidos por meios das experiências realizadas se tornaram importantes para a contestação diante das metodologias utilizadas na prática da língua falada sinalizada em sala de aula, cogitando a possibilidade de se utilizar outro método para a educação de surdos, o método com bilinguismo (CAPOVILLA, 2000).

3.3. Bilinguismo

Com a propagação dos estudos linguísticos e um melhor entendimento sobre a Língua Brasileira de Sinais e sua complexidade, foi surgindo o pensamento de que a Língua Oral não seria mais a língua ideal para a educação de surdos, mas a própria Língua Brasileira de Sinais, que está reconhecida oficialmente no Brasil desde 1991 como LIBRAS pelo Governo do Estado de Minas Gerais por meio da Lei nº 10.397 de 10/1/91, que seria o melhor meio para que essa educação e a obtenção do conhecimento ocorressem de forma satisfatória e mais completa para a criança surda (SÁ, 1999).

Sendo assim, a filosofia educacional da Comunicação Total foi substituída por uma nova filosofia educacional para surdos, o Bilinguismo, que defende a ideia de que a criança surda deva ser instruída por meio de duas línguas no cotidiano da vida e no cotidiano escolar, no qual a Língua Brasileira de Sinais é compreendida como primeira língua (L1) e a Língua Oral como segunda língua (L2) na modalidade escrita ou oral (SÁ, 1999).

O Bilinguismo amplifica a qualidade do estudante surdo de obter o conhecimento por meio de sua língua natural, propiciando significativos resultados em sua educação e na sua vida social, cujo objetivo é contribuir para que o sujeito surdo possa ser reconhecido como um sujeito pertencente à sociedade, com direitos no seu convívio individual, consideração e valorização da Língua Brasileira de Sinais como sua língua e também o reconhecimento de sua potencialidade.

Mesmo com o conhecimento da comunidade surda e de especialistas sobre a relevância da utilização da Língua Brasileira de Sinais na educação de surdos, isso não quer dizer que eles estejam debatendo as suposições para a educação com Bilinguismo, os seus resultados ou os obstáculos para a implementação no Brasil. Pelo contrário, a educação com Bilinguismo atualmente em nosso país, foi subordinada à realização de experiências para constatação e publicação dos seus resultados. Diferente de outros países como a Suécia e Dinamarca que já começaram aplicar o Bilinguismo na educação de surdos e alcançaram resultados positivos (SÁ, 1999).

Conforme Sá (1999), já temos visto a tentativa de se aplicar a educação com Bilinguismo no Brasil, no ambiente escolar da Escola Municipal de Educação Especial Helen Keller (Caxias do Sul RS), no Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro- RJ), e no Centro Educacional de Surdos Pilar Velazquez (Rio de Janeiro – RJ).

De acordo com o Correio Braziliense (2017), em 2013 foi criada a única Escola Bilíngue Libras e Português Escrito, sendo ela pública e localizada em Taguatinga/DF, por meio da Lei nº 5.016, de 11 de janeiro de 2013. Nesta escola são ofertadas todas as etapas do ensino básico, da educação infantil ao ensino médio no período diurno e no período noturno é ofertado à educação de jovens e adultos (EJA).

Outra questão que está sendo colocada em foco é a articulação da educação com a cultura que cerca a comunidade surda, pois para uns não há possibilidade de se questionar a educação de surdos com Bilinguismo, sem levar em consideração a importância que o Biculturalismo exerce na educação. Diferente de outras pessoas que defendem a ideia de que não há utilidade na união dessas duas áreas, uma vez, que o surdo já está inserido em quase todas as culturas da sociedade, visto que isso não seja um motivo de se rejeitar, o fato de que já exista uma cultura surda, o que para outros essa cultura não existe e a única cultura predominante e que de fato existe é a ouvinte (SÁ, 1999).

Dessa forma, uns defendem a ideia do assunto sobre cultura ser de domínio da Antropologia e não da Educação, então o indivíduo Bicultural possui comportamentos e convicções instigadas pelas duas culturas e o indivíduo Bilíngue conseqüentemente faz uso de uma língua ou outra em circunstâncias distintas. Por isso que há quem defenda de que o Bilinguismo é adquirir conhecimento e diferenciar duas culturas, ou seja, o Biculturalismo (SÁ,1999).

Quando falamos da educação Bilíngue-multicultural, quer dizer que não devemos apreciar somente o uso de duas línguas ou dar prioridade ao uso da Língua Brasileira de Sinais, mas também considerar a importância da identidade e da cultura, onde não haja somente a interação entre surdos e ouvintes, mas também em outras culturas.

3.4. Considerações atuais sobre as filosofias educacionais para Surdos

Os fóruns nacionais e internacionais têm discutido o Método oralista puro na educação de surdos, questionando o enfoque destes em ser a integração dessas crianças em escolas comuns apenas, do que realmente discutir a importância da qualidade do ensino em Educação Especial. Temos como exemplo a mais atual orientação da UNESCO (Organização das

Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) para os governos, de se aplicar com poder de lei ou política, o fundamento da educação integrada que possibilite que todas as crianças sejam matriculadas em escolas comuns, a não ser que haja uma justificação persuasiva para que essa matrícula não ocorra (CARVALHO 1995, apud SÁ, 1999, p. 63,64).

Conforme Sá, (1999) no Brasil a visão de integração escolar dos surdos é protegida pelo poder oficial, este que apela para uma exposição de ideias que recorrem às emoções, com a intenção de propagar a ideia de que é um ato de segregação ao se expor os surdos separados em escolas especiais. Então a sugestão é instalar os surdos no convívio de pessoas ditas normais, pois se torna um grande passo para a inclusão.

Ao tratar da inclusão de surdos nas salas de aulas regulares sem considerar suas especificidades de aprendizagem, impede a vontade do próprio surdo em erigir seu conhecimento, sua identidade e cultura por meio da Língua Brasileira de Sinais e a Língua portuguesa, inibindo assim qualquer estabilidade linguística dos sujeitos surdos. De fato temos que perceber que não se refere somente ao fato de concordar com o uso da Língua Brasileira de Sinais, mas torná-la possível, uma vez que, todo método pedagógico que aprecie o crescimento cognitivo tem que apreciar também a obtenção de uma primeira língua, sendo este o objetivo principal do Bilinguismo.

É importante pensarmos que oralizar uma criança surda para que ela possa ouvir, falar ou escrever, não quer dizer que ela realmente será integrada na sociedade ouvinte, mas o que de fato habilita um indivíduo a interagir com outros indivíduos é possuir uma língua interna viva, que lhe assegure utilizar sem obstáculos uma comunicação natural e com valor, e que lhe propicie a base essencial para o crescimento e amplificação de sua capacidade de adquirir conhecimento.

No mundo e no Brasil ainda existe um amplo poder por parte do sistema educacional oralista, mas a filosofia educacional para surdos, mais defendida pela comunidade surda é a Bilíngue. No entanto, esta filosofia apesar de colocar a Língua Brasileira de Sinais como primeira língua, ainda não consegue destacar o quesito das culturas que cercam as identidades surdas, as lutas pelos poderes, pelo conhecimento, territórios e sobre o sentido das políticas para as diferentes características (SOARES, 1999).

Para que haja uma aceitação da educação com Bilinguismo é necessário haver um trabalho de informações claras e convincentes com a sociedade, pois o conhecimento será um meio da sociedade não fazer um prejulgamento errado contra a educação com Bilinguismo.

3.5. Importância das políticas públicas para a educação de surdos na EJA

Precisamos entender o quão importante é fortalecer as políticas públicas para a permanência de jovens e adultos surdos na escola, de modo a assegurar-lhes sua efetiva participação, pois quando se institui uma política pública, tem que haver também a responsabilidade de se ter investimentos, com o oferecimento de horários para que esses alunos possam conciliar com sua vida profissional e também familiar, além dos métodos que tenham como princípio para sua instrução os conhecimentos que eles adquirem em sua vida pessoal e levam para a sala de aula e o oferecimento de instrumentos didáticos e pedagógicos com a adoção da Língua Brasileira de Sinais como primeira língua e o português como segunda língua, numa abordagem bilíngue, respeitando suas particularidades (MOVA – BRASIL 10 ANOS, 2013).

Além disso, torna-se ainda fundamental assegurar políticas integradas, com meios para eliminar as desigualdades sociais e a pobreza, pois não há possibilidade de extinguir o analfabetismo se também não for eliminada a desigualdade social e financeira que está muito evidente em nossa sociedade.

Assim com base em todo o contexto histórico e o desenvolvimento de políticas públicas para a inserção do indivíduo surdo tanto no âmbito do ensino escolar na educação de jovens e adultos, quanto no mercado de trabalho, foi desenvolvido uma pesquisa de campo com alunos jovens e adultos surdos de duas escolas públicas localizadas no entorno de Brasília/DF, a fim de investigar por meio de entrevista gravada, como ocorreu (caso já tenha concluído os estudos pela EJA) ou está ocorrendo (caso ainda estejam estudando pela EJA), o seu processo educacional, de modo a degravar seus respectivos relatos, que irá contribuir na construção de um registro documental, para que mais a frente seja possível verificar se os processos desenvolvidos pela comunidade escolar foram significativos para a inclusão deles no ambiente escolar e social, contribuindo ou não para sua inserção no mercado de trabalho.

4. METODOLOGIA

4.1. Problema de Pesquisa

Considerando-se que a educação de surdos passou por diferentes filosofias e metodologias ao longo do processo histórico, como se deu o percurso educacional de jovens e adultos surdos de duas escolas públicas do entorno do DF durante o seu período escolar, ou como este ocorre atualmente? A educação destes jovens neste contexto contribuiu significativamente para a inclusão deles no âmbito acadêmico, mercado de trabalho e social?

4.2. Pesquisa Qualitativa

Para explicar este problema de pesquisa, pensamos na pesquisa qualitativa, pois por meio dela é possível investigar e verificar a realidade em que os surdos entrevistados vivem ou já vivenciaram na educação de jovens e adultos (EJA), está que foi realizada por meio de uma entrevista gravada e com o auxílio de professoras intérpretes de Libras, pois ainda não domino a Língua Brasileira de Sinais. Após essa etapa realizamos a degravação de todas as respostas ditas pelos surdos nas entrevistas.

Por meio da degravação conseguiremos identificar as principais dificuldades ou não que os surdos encontraram ou encontram para obter instrução nesta modalidade da educação, assim como sua inserção no mercado de trabalho e o convívio com o meio social, pois:

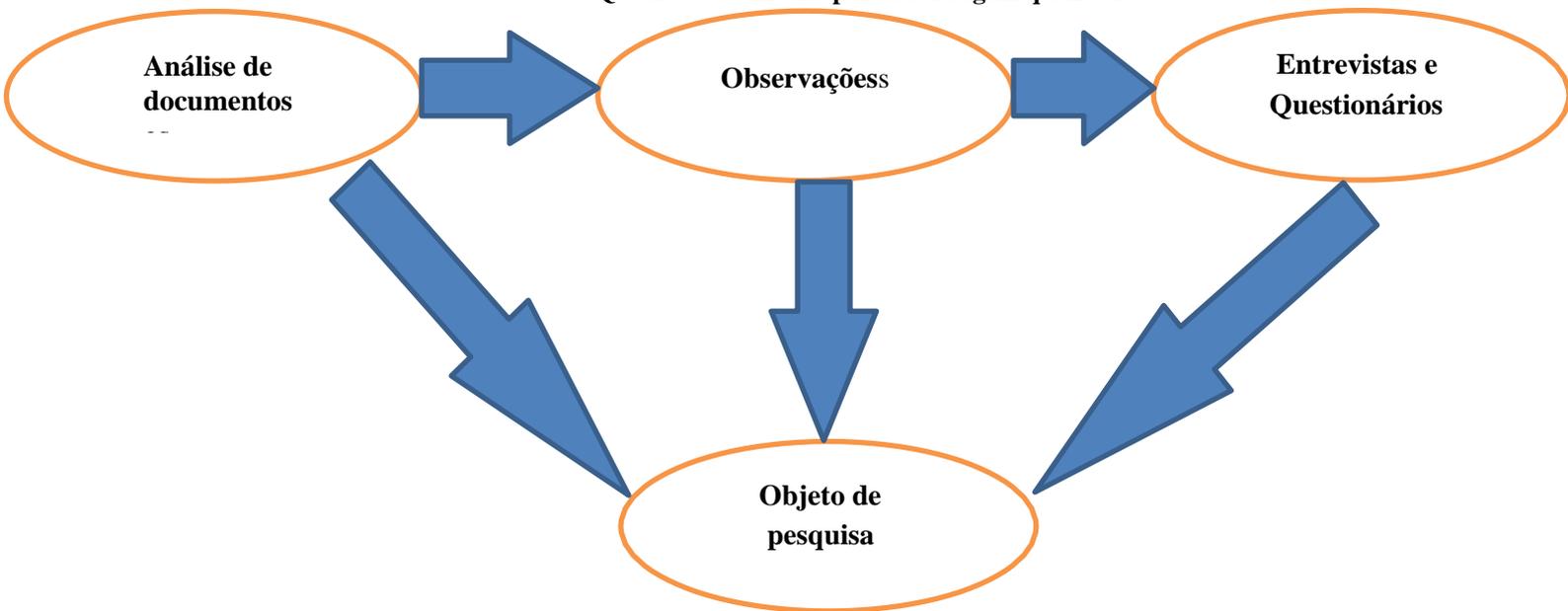
Considerando que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques (GODOY, 1995, p. 23).

A pesquisa qualitativa é um processo de reflexão e análise da realidade, por meio da aplicação de métodos, que possibilitarão de forma minuciosa, adquirir um melhor entendimento do assunto estudado, assim como abarcar toda a situação histórica conforme a sua estrutura, sem a mensuração quantitativa de comportamentos ou particularidades. Para isso é essencial o comprometimento dos estudos com bibliografias apropriadas ao assunto, aplicação de questionários, observações, análise de dados e entrevistas, que precisa ser exibida de modo descritiva (OLIVEIRA,2007).

Segundo Oliveira (2007) é proposto a quem deseja desenvolver essa análise, que já possua compreensão com relação ao assunto de pesquisa que irá investigar, tanto que mais abaixo é apresentado um quadro conceitual, onde é possível conferir a importância de se ter

conhecimento sobre os fatos históricos, por meio da análise de documentos, prosseguindo com observações sistemáticas, execução de entrevistas e aplicação de questionários.

Quadro 3 - Conceito para abordagem qualitativa



Fonte: Oliveira, 2007.

Ainda conforme Oliveira (2007), o significado dos instrumentos de pesquisa precisam ser profundamente adaptados aos propósitos da análise, já planejados diante da escolha do assunto a ser estudado, assim como a(s) suposição(s) edificada(s) e completamente ajustada(s) ao contexto teórico. Em se tratando da pesquisa qualitativa, neste trabalho utilizamos a seguinte técnica:

- **Entrevistas** = este tipo de instrumento possibilita uma ótima comunicação entre o pesquisador e o sujeito entrevistado, além de alcançar uma descrição mais minuciosa do que se está investigando. É importante que o pesquisador não interfira nas respostas do sujeito entrevistado, reduzindo-se a escutar e gravar a fala deste (OLIVEIRA, 2007).

O pesquisador estará em campo com o objetivo de conseguir captar os fatos propostos em sua pesquisa a partir da perspectiva dos sujeitos entrevistados, caracterizando todos os pontos de vista importantes (GODOY, 1995).

De acordo com Oliveira (2007), o guia da pesquisa precisa ser em forma de tópicos semi-estruturados, adotando semelhança ao modelo utilizado para cada sujeito ou grupo entrevistado, assim como conseguir autorização para gravar a entrevista e também assegurar-lhes sigilo em todas as informações passadas. É importante também assegurar que não

ocorrerá sua identificação na parte final da descrição da pesquisa, além de que, a gravação se torna fundamental para se conseguir excelência em tudo o que foi mencionado e registrado na entrevista.

Diante disso, como o problema de pesquisa envolve identificar, investigar, descrever e por fim verificar, como se deu o percurso educacional de jovens e adultos surdos na EJA, durante o seu período escolar, ou como ocorre atualmente, optamos pela pesquisa qualitativa, visto que os jovens e adultos surdos terão a liberdade de expor suas perspectivas diante da educação que receberam durante o período de sua inserção escolar, relatando suas dificuldades e desafios, assim como explicitar se esta pôde ou não contribuir para sua inserção no ensino superior, mercado de trabalho e seu convívio social, de forma significativa ou não.

4.3. Campo de Pesquisa

A entrevistas foram realizadas em duas escolas públicas localizadas no entorno do/DF (Distrito Federal) no segundo semestre de 2017.

A primeira escola é de ensino fundamental, que por sua vez, oferece no período matutino e vespertino do 6º ao 9º ano do ensino regular e no período noturno, somente o 2º segmento da EJA. A escola comporta nos três períodos 1860 alunos, sendo que há seis alunos surdos, que estudam somente no noturno na modalidade EJA, por conta da idade avançada dos mesmos. Há em média de 30 a 35 alunos por sala, com alunos surdos e ouvintes.

São 54 salas de aula, sendo que 19 funcionam no matutino e vespertino e 16 salas no noturno. Ainda nesse quantitativo, a escola conta com uma Sala de Recursos que funciona no noturno, disponível somente aos alunos surdos que a utilizam para auxiliar nas disciplinas de Exatas, sendo que a de Humanas não funciona por falta de professor.

São 80 professores regentes ouvintes nos três turnos, não há professor surdo em nenhum desses turnos e quatro professoras intérpretes de Libras para atender aos alunos surdos no noturno.

A segunda escola é de ensino médio, que oferece no período matutino e vespertino o ensino médio regular e no período noturno, somente o 3º segmento da EJA. A escola comporta em média 35 alunos por sala em todos os turnos, com alunos surdos e ouvintes, sendo que há somente seis alunos surdos estudando no noturno na modalidade EJA, por conta da idade dos mesmos.

No turno matutino há 25 salas em funcionamento, 24 salas no vespertino e 20 salas no noturno. Nesse quantitativo há uma Sala de Recursos generalista funcionando nos três turnos,

que atende somente os alunos ouvintes, além contar também somente no noturno com uma Sala de Recursos que atende os seis alunos surdos.

São 135 professores regentes ouvintes nos três turnos, não há professor surdo em nenhum desses turnos e quatro professoras intérpretes de Libras no noturno para atender aos alunos surdos.

As duas escolas não são bilíngues, isto é não utilizam a Libras no mesmo patamar de importância da Língua Portuguesa, afinal apesar de possuírem tradutores e professoras intérpretes de Libras, não há uma conscientização destas para com toda a comunidade escolar.

Isso pode ser verificado ainda nas salas com estudantes surdos e estudantes ouvintes, pois, os sujeitos surdos não conseguem se comunicar com os professores regentes ouvintes, colegas ouvintes e demais sujeitos da comunidade escolar, pois a comunidade escolar não sabe Libras e não parece ter interesse em aprender. A comunicação do estudante surdo fica restrita somente com sua professora da Sala de Recursos e as professoras intérpretes de Libras.

4.4. Sujeitos de Pesquisa

Os sujeitos desta entrevista são jovens e adultos surdos moradores de uma cidade do entorno do/DF, que estudaram e/ou ainda estão estudando na modalidade EJA, de duas escolas públicas com idade entre 20 a 33 anos.

- **ELIANE:**

A primeira entrevistada se chama Eliane⁷, uma jovem de 28 anos, com surdez profunda, filha de pais ouvintes e que conseguiu aprender Libras quando criança ao estudar em uma escola pública, a qual tinha uma professora que a ensinou. Ao crescer realizou o curso de Libras em ONGs localizadas em Brasília, onde aprimorou seus conhecimentos sobre a Língua Brasileira de Sinais.

Atualmente trabalha como auxiliar de serviços gerais, mas tem o desejo de concluir

⁷Todos os nomes dos alunos surdos entrevistados e das professoras intérpretes de Libras, mencionados neste trabalho monográfico, são fictícios, de modo a manter o sigilo e preservação da identidade de cada sujeito participante.

seus estudos pela EJA e iniciar sua graduação para dar aula para crianças.

- **JOÃO**

O segundo entrevistado se chama João, um senhor de 33 anos, com surdez moderada, filho de pais ouvintes e que veio do interior do Maranhão para trabalhar. É oralizado, utiliza o aparelho auditivo nas duas orelhas para conseguir se comunicar com os ouvintes, sabe pouco de Libras, pelo fato de ter sido oralizado quando criança e não ter tido acesso a Língua Brasileira de Sinais. Atualmente como auxiliar de serviços gerais.

- **LUANA**

A terceira entrevistada se chama Luana, uma jovem de 25 anos, com surdez profunda, filha de pais ouvintes e que sabe muito bem a Libras. Já trabalhou anteriormente, mas encontrou muitas dificuldades para conciliar seus estudos com o trabalho, o que fez com que ela optasse pelo trabalho e parasse de estudar.

Com o tempo percebeu que seus estudos eram mais importantes que seu trabalho, visto que para conseguir alcançar seu sonho de ingressar no ensino superior teria que ter o diploma de conclusão do ensino médio. Então desistiu de trabalhar, voltou a estudar e atualmente está se dedicando muito, pois acredita que só por meio dos seus estudos é que conseguirá ter um futuro melhor.

- **MARCELA**

A quarta entrevistada se chama Marcela uma jovem de 22 anos, com surdez profunda, filha de pais ouvintes e que sabe muito bem a Língua Brasileira de Sinais. Atualmente não trabalha, pois diz ser muito difícil conseguir um emprego, pelo fato de ser surda, então preferiu se dedicar aos estudos, para depois vê se consegue encontrar um trabalho, já que terá o diploma de conclusão do ensino médio.

Gosta muito de estudar, pois está aprendendo o português escrito, que em sua opinião, está sendo essencial para sua comunicação com os sujeitos ouvintes, visto que não estes não sabem Libras e não demonstram interesse em aprender para conseguir se comunicar com ela.

- **PAULO**

O quinto entrevistado se chama Paulo, um jovem de 25 anos, com surdez profunda, filho de pais ouvintes e que sabe muito bem a Língua Brasileira de Sinais. Já trabalhou, mas saiu porque recebia pouco, não pelo fato de ser surdo, uma vez, que seus colegas ouvintes também recebiam o mesmo valor, mas trabalhava muito para receber pouco.

Tem dificuldade de encontrar emprego, pois como é surdo, os ouvintes não sabem Libras e sempre tem que escrever para que eles o entendam, além de acreditar que a conclusão de seus estudos não irá possibilitar que encontre um emprego com salário melhor, porque mesmo que possua qualificação, o que sempre irá atrapalhar é a falta de comunicação.

- **RAIANE**

A sexta entrevistada se chama Raiane, uma jovem de 22 anos, com surdez moderada, filha de pais ouvintes, oralizada e sabe muito bem a Língua Brasileira de Sinais, pois aprendeu na escola pública quando tinha 3 anos de idade.

Não trabalha, pois está com dificuldades para emitir a carteira de trabalho, porque o órgão responsável não possui intérprete de Libras. Apesar de ser oralizada, precisa da ajuda de um intérprete, pois ainda tem muita dificuldade de entender o sujeito ouvinte.

Deseja concluir seus estudos para cursar Libras/Português na UnB e dar aula para crianças, jovens e adultos.

5. RESULTADOS

5.1. Entrevista na Escola de Ensino Fundamental/2º Segmento da EJA

Esta escola é de Ensino Fundamental e comporta em média 30 a 35 alunos por sala de aula, incluindo alunos surdos e ouvintes.

É importante ressaltar que nem todos os alunos surdos dessa escola sabem o básico de Libras, alguns deles não conseguem nem se comunicar em casa com suas famílias e até mesmo com as professoras intérpretes ou com seus amigos surdos ou ouvintes da escola, onde alguns até mesmo se isolam por falta de comunicação. Pedi às professoras intérpretes que realizassem várias tentativas para conseguir entrevistá-los, mas percebi que realmente eles não conseguiam compreender nada do que elas falavam em Libras.

Ainda com o auxílio das professoras intérpretes, realizei as entrevistas gravadas com dois dos seis alunos surdos, pois foram os únicos que conseguiram entender e responder as perguntas, sendo estas posteriormente degravadas, conforme abaixo:

5.1.1 Primeira Entrevista

Intérprete: Marta é professora regente e intérprete de Libras da Sala de Recursos na área de Exatas (Matemática e Ciências).

Quadro 4 – Entrevista Eliane

Eliane tem 28 anos e surdez profunda, não é oralizada. Filha de pais ouvintes conseguiu aprender o básico de Libras quando criança ao estudar em uma escola pública, a qual tinha uma professora que a ensinou. Ao crescer realizou o curso de Libras em ONG's localizadas em Brasília, onde aprimorou seus conhecimentos sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Está na 8ª etapa do segundo segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno, inclusa em uma sala de aula com alunos ouvintes, sendo a única aluna surda de sua turma e conta com o auxílio das professoras intérpretes de Libras, que interpreta todos os conteúdos. Tem aula no mesmo horário na Sala de Recursos, somente com alunos surdos e sua professora regente ouvinte, sabe Libras.

Seus professores regentes de sala de aula e seus colegas ouvintes não sabem Libras, o que restringe sua comunicação somente aos seus amigos surdos na Sala de Recursos.

Segundo a mesma, possui muitas dificuldades para desenvolver o aprendizado na EJA, como estudar as disciplinas de Inglês e Português, no entanto Matemática, Geografia e Artes, gosta mais, e

História mais ou menos.

Outra dificuldade apontada pela entrevistada diz respeito à localização da escola, afirma que é perigoso estudar no noturno, pois mora longe e seu ônibus sempre demora a passar. Como não tem outra opção ou escola mais perto de sua casa, tem que enfrentar para conseguir concluir seus estudos.

Apesar das dificuldades, afirmou gostar muito da modalidade EJA, pois ainda consegue aprender, mesmo com limitações e deseja continuar seus estudos para conseguir ampliar seu vocabulário em Língua Portuguesa, que contribuirá em seu futuro.

Atualmente trabalha como Auxiliar de Serviços Gerais no diurno e não teve dificuldades em conseguir o trabalho, pois contou com a ajuda de sua mãe, que a levou até Brasília para participar do processo seletivo e conseguir o emprego.

Acredita que a EJA seja muito importante para o seu crescimento, pois ao concluir seus estudos, terá um diploma que lhe abrirá as portas para ingressar no Ensino Superior e dar aula para crianças, além de melhorar sua relação com as pessoas ouvintes.

Por fim, considera a EJA importante para o desenvolvimento do sujeito surdo, além de ter uma melhor conscientização a respeito do tempo que cada jovem e adulto surdo precisa ter para aprender, o que é diferente dos alunos ouvintes, pois estes, a seu ver, conseguem aprender com mais facilidade.

Fonte: Degravação realizada conjuntamente pela orientadora e pela autora da monografia.

5.1.2 Segunda Entrevista

Nome da intérprete: Marta é professora regente e intérprete da Sala de Recursos na área de Exatas (Matemática e Ciências).

Quadro 5 – Entrevista João.

João possui 33 anos e surdez moderada, é oralizado. Utiliza aparelho auditivo nas duas orelhas. Filho de pais ouvintes. Está na 8ª etapa do segundo segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno, incluso em uma sala de aula com alunos ouvintes, sendo o único aluno surdo de sua turma. Conta com o auxílio de professoras intérpretes de Libras em sala de aula.

Assiste aula na Sala de Recursos somente com alunos surdos e sua professora regente sabe Libras, diferente dos outros professores regentes e seus colegas ouvintes de sala de aula, que segundo o entrevistado, não sabem e nem demonstram interesse em aprender.

Possui alguns amigos ouvintes, mas como eles não sabem Libras, sua comunicação com eles se dá por meio da língua oral. Sabe o básico de Libras para conseguir se comunicar com seus amigos surdos, mas ainda precisa aprender mais para conseguir se comunicar cada vez melhor, pois em alguns momentos encontra dificuldade de entender até mesmo as professoras intérpretes por não saber o significado de algum sinal em Libras. Suas principais dificuldades na EJA é aprender Matemática, Inglês e Português. Acredita que a Matemática é mais difícil por conta dos números, pois não consegue compreender bem o que eles

eles representam e qual a função de cada um, isso porque ao vir do Maranhão quando criança, não aprendeu o básico de Matemática e agora na fase adulta apresenta mais dificuldades em aprender.

Dentre os pontos positivos destacou: Gosta muito de conversar com seus amigos ouvintes e surdos, tem muita vontade de aprender Libras para ensinar seus amigos ouvintes a se comunicarem com ele e não precisar utilizar a língua oral e ajudar também a se comunicar melhor com seus amigos surdos.

Atualmente trabalha como Auxiliar de Serviços Gerais e conseguiu este trabalho com a ajuda de um amigo que mora em Brasília. O fato de ser oralizado e utilizar o aparelho auditivo contribuiu bastante para realizar a entrevista e conseguir o trabalho.

Assim acredita na eficácia da EJA e concluir seus estudos por meio dela, irá contribuir significativamente em sua vida acadêmica, pois lhe proporcionará um diploma para conseguir um trabalho melhor, além de contribuir também em sua vida social, por melhorar sua relação com seus amigos ouvintes e surdos, dentro e fora da escola.

Fonte: Degravação realizada conjuntamente pela orientadora e autora da monografia.

5.2. Entrevista na Escola de Ensino Médio/3º Segmento da EJA

Essa escola é de Ensino Médio e comporta em média 35 alunos por sala de aula, incluindo alunos surdos e ouvintes.

Nessa escola dos seis alunos surdos, somente dois não conseguiram entender bem as perguntas para respondê-las, pois ainda não dominam a Língua Brasileira de Sinais. Também pedi que a professora intérprete tentasse outras vezes fazer as perguntas, mas esta disse que por já conhecê-los, os mesmos não iriam conseguir entender mais do que ela interpretou, devido ao nível que sabem de Libras.

Com o auxílio da professora intérprete realizei as entrevistas gravadas com os quatro alunos surdos, pois foram os únicos que conseguiram entender e responder as perguntas e posteriormente as gravei, conforme abaixo:

5.2.1. Primeira Entrevista

Nome da intérprete: Juliana é professora intérprete de sala de aula e Sala de Recursos.

Quadro 6 – Entrevista Luana

Luana tem 25 anos e surdez profunda. Filha de pais ouvintes, mas sabe muito bem Libras. Está no segundo ano do Ensino Médio no período noturno modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) 3º segmento, em uma sala de aula com 30 alunos ouvintes e seis alunos surdos, contando com ela. Seus professores regentes de sala de aula não sabem Libras e conta com a ajuda de uma professora intérprete dentro de sala de aula, que interpreta os conteúdos.

Tem acompanhamento na Sala de Recursos com as professoras intérpretes de Libras. Seus professores

regentes e colegas de sala de aula não sabem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e utilizam somente a oralização. Sua comunicação ocorre mesmo somente com seus amigos surdos e com as professoras intérpretes.

Afirmou não possuir dificuldades de entender os conteúdos, mas não gosta da disciplina de Inglês, pois a considera muito difícil e não consegue compreender bem, diferente de Matemática, que já entende melhor.

No momento da entrevista não trabalhava. Mas, antes trabalhou em uma instituição pública e decidiu abandonar o emprego para priorizar seus estudos e só depois que concluir é que pretende procurar um trabalho, pois segundo a mesma, sente dificuldades de conciliar os dois.

Acredita que o sujeito surdo enfrenta dificuldades em encontrar um trabalho, pois as oportunidades de emprego estão focadas em Brasília, sendo o surdo obrigado a trabalhar longe de casa e ter que estudar em sua própria cidade, por isso a dificuldade de conciliar os dois. Além de que, segundo a sua opinião, o ouvinte consegue encontrar trabalho mais fácil do que o surdo, por ouvirem.

Explicou que quando trabalhava, também estudava no período noturno, pegava muito engarrafamento de Brasília para voltar para sua cidade, o que dificultava chegar a tempo na escola. Apesar disso percebeu que precisava ter mais responsabilidade e escolher um dos dois, então optou pelos estudos, pois assim acredita que conseguirá trabalhar com mais tranquilidade no futuro.

Conforme seu ponto de vista, a Educação de Jovens e Adultos é importante, pois tem o desejo de concluir seus estudos para obter o diploma, que lhe possibilitará ingressar no nível superior, este que hoje em dia é muito importante. Afirmou ainda que, o mais importante também é ter intérpretes de Libras nas faculdades públicas e particulares para que o surdo consiga estudar e concluir o ensino superior no curso desejado e não optar por aquele curso que não gosta, só porque é o que oferece intérprete de Libras.

Tem vontade de cursar Medicina Veterinária ou Libras/Português e já tem pesquisado esses e outros cursos na UnB, que possuam intérpretes, além de acreditar também que a EJA e o ingresso no ensino superior pode lhe ajudar a conseguir um trabalho com salário melhor e lhe proporcionar mais responsabilidades para conseguir conquistar seus objetivos como: uma casa melhor.

No que diz respeito à vida social, quando se trata do grupo de surdos a comunicação é ótima, mas diz que com os ouvintes não há uma comunicação certa, pois sente que é mais fácil ter uma comunicação com os surdos por saberem Libras, do que com os ouvintes que não sabem e não demonstram interesse em aprender.

Assim a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é muito importante para o sujeito surdo, por lhes possibilitar alcançar uma vida melhor, pois como muitos surdos estão em idade avançada para estudar no ensino regular, podem concluir por esta modalidade e futuramente conquistar seus objetivos.

Fonte: Degravação realizada conjuntamente pela orientadora e pela autora da monografia.

5.2.2. Segunda Entrevista

Nome da intérprete: Juliana é professora intérprete de sala de aula e Sala de Recursos.

Quadro 7 – Entrevista Marcela

Marcela tem 22 anos e surdez profunda, filha de pais ouvintes, mas sabe muito bem a Língua Brasileira de Sinais. Está no segundo ano do Ensino Médio no período noturno na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) 3º segmento, em uma sala de aula com 30 alunos ouvintes e seis alunos surdos, contando com ela. Seus professores regentes de sala de aula não sabem Libras e conta com a ajuda de uma professora intérprete dentro da sala de aula, que interpreta os conteúdos.

Tem acompanhamento na Sala de Recursos com as professora intérpretes de Libras, mas seus professores regentes e colegas de sala de aula não sabem a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que em sala de aula só utilizam a oralização.

Informou ter dificuldades em estudar na EJA, pois acha difícil entender o significado de algumas palavras em Português, mas quando a professora intérprete explica, até que consegue entender melhor. Apesar disso gosta muito de estudar nessa modalidade, pois sabe que ajudará a concluir seus estudos.

No momento não trabalha, pois como é surda, diz ter muita dificuldade de encontrar um trabalho, então decidiu dar prioridade aos seus estudos, pois acredita que ao concluir e obter o diploma de conclusão do Ensino Médio terá mais facilidade de conseguir um emprego e ingressar no Ensino Superior, o que hoje em dia é muito importante. No momento ainda não sabe o que cursar, mas tem muito desejo de entrar na faculdade.

Mesmo tendo a possibilidade de conseguir um emprego, diz que ainda existem muitas dificuldades para os surdos, como a questão da comunicação, o que é diferente quando se trata dos ouvintes, mas deseja que isso mude e haja igualdade para os dois.

No que diz respeito à vida social, é notório que há dificuldade de comunicação entre os surdos e os ouvintes, mas ao estudar na EJA, afirmou está aprendendo a língua portuguesa escrita, que contribui muito em sua comunicação com os ouvintes que não sabem Libras.

Tem muita vontade de crescer intelectualmente, por isso acredita que estudar na EJA seja importante para contribuir em sua vida como sujeito surdo, pois não tem como, só porque é surda, não estudar e adquirir conhecimento, pelo contrário acredita que precisa estudar, para alcançar sucesso em sua vida e seu espaço na sociedade.

Fonte: Degravação realizada conjuntamente pela orientadora e pela autora da monografia.

5.2.3. Terceira Entrevista

Nome da intérprete: Juliana é professora intérprete de sala de aula e Sala de Recursos.

Quadro 8 – Entrevista Paulo.

Paulo tem 25 anos e surdez profunda. Filho de pais ouvintes e fluente em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Está no segundo ano do Ensino Médio, no período noturno na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), 3º segmento, em uma sala de aula com 30 alunos ouvintes e seis alunos surdos, contando com ele. Seus professores regentes de sala de aula não sabem Libras e conta com a ajuda de uma professora intérprete de Libras dentro da sala de aula, que interpreta todos os conteúdos.

Tem acompanhamento na Sala de Recursos com as professoras intérpretes de Libras. Seus professores

regentes e colegas de sala de aula não sabem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e utilizam somente a oralização. Sua comunicação ocorre mesmo somente com seus amigos surdos e com as professoras intérpretes.

Possui muita dificuldade em entender o significado das palavras em Português, mas apesar disso acredita que por meio da EJA conseguirá concluir o Ensino Médio.

Já trabalhou, porém decidiu sair, porque lhe pagavam pouco, mas não pelo fato de ser surdo, pois todos os seus colegas ouvintes também recebiam o mesmo valor. Atualmente optou por não trabalhar, mas se dedicar aos estudos, além de que há dificuldades com relação à comunicação, pois como muitos ouvintes não sabem Libras, muitas das vezes precisa escrever para que eles o entendam. Desse modo não consegue enxergar pontos positivos no mercado de trabalho para o surdo, pois ainda há muita limitação e dificuldade de inserção.

Enxerga a EJA como fundamental para a vida acadêmica do surdo, pois como muitos não conseguiram concluir em idade apropriada ou tenha disponibilidade para estudar é importante ter esse olhar para que o surdo consiga ingressar no nível superior, além das limitações que os cercam, como a falta de intérpretes nas faculdades públicas e privadas.

Não acredita que a EJA lhe possibilitará conseguir um emprego melhor, visto que para o surdo tudo é mais difícil do que para o ouvinte, mesmo ele tendo qualificação, o que vai dificultar mesmo é a comunicação.

Afirmou que em sua vida social não tem sido fácil à comunicação, por exemplo, sua família não sabe a Língua Brasileira de Sinais, conversam com ele oralmente e precisa fazer leitura labial para entender o que dizem.

Mesmo assim acredita que a EJA ainda é importante para o desenvolvimento do sujeito surdo, pois a partir do momento que os sujeitos surdos realizam as atividades propostas pelos professores em sala de aula, terão boas notas, que os ajudará a concluir seus estudos e alcançar um futuro melhor.

Fonte: Degravação realizada conjuntamente pela orientadora e pela autora da monografia

5.2.4. *Quarta Entrevista*

Intérprete: Juliana é professora intérprete de sala de aula e Sala de Recursos.

Quadro 9 – Entrevista Raiane

Raiane tem 22 anos e surdez moderada. É filha de pais ouvintes, oralizada e sabe muito bem a Língua Brasileira de Sinais. Está no 3º ano do Ensino Médio no período noturno da modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), 3º segmento, inclusa em uma sala de aula com 30 alunos ouvintes e seis alunos surdos, contando com ela. Seus professores regentes de sala de aula não sabem Libras e conta com a ajuda de uma professora intérprete dentro da sala de aula, que interpreta os conteúdos, pois as aulas são todas oralizadas.

Apesar de ser oralizada, tem muita dificuldade na disciplina de Química, pois não consegue entender o que seu professor regente está explicando, mas entende melhor, quando a professora intérprete explica, diferente das outras disciplinas, como Português e Matemática que entende muito bem. Com relação aos pontos positivos, por mais difícil que seja estudar na EJA, acredita que seja muito importante para ajudar a concluir seus estudos, pois lhe possibilitará avançar e conquistar seus sonhos.

Atualmente não trabalha, pois diz que hoje em dia é preciso ter a carteira de trabalho, o que no

momento não possui, pois não consegue ir sozinha no órgão responsável para solicitar, porque lá não sabem Libras e mesmo sendo oralizada os profissionais não conseguem entendê-la.

Acredita na importância de se ter intérprete ou alguém que saiba Libras para lhe ajudar interpretando e explicando todos os procedimentos para a solicitação da carteira de trabalho, o que no momento ainda não encontrou, pois infelizmente é difícil, até mesmo sua família que não demonstra nenhum interesse em lhe ajudar e não sabem a Língua Brasileira de Sinais.

De acordo com ela a EJA é importante para conseguir concluir seus estudos e ingressar na UnB para cursar Libras/Português, porque tem muito amor pela Língua Brasileira de Sinais, pois quando tinha 3 anos de idade teve uma professora que lhe ensinou bem Libras, por isso seu amor cresceu, tanto que tem muito desejo de ensinar crianças, jovens e adultos. No que diz respeito ao profissional, a EJA pode lhe ajudar muito a conseguir um emprego com mais facilidade.

Na escola, por ser oralizada consegue até ter uma comunicação boa com seus colegas ouvintes e surdos. No entanto, fora dela não consegue ter uma comunicação com os ouvintes, pois apesar de ter surdez moderada, ainda tem muita dificuldade de entendê-los, sendo necessário utilizar a Libras, do contrário só consegue se comunicar se tiver por perto um ouvinte que saiba a Língua Brasileira de Sinais para traduzir, o que em sua perspectiva é muito difícil de encontrar.

Assim sendo, considera essencial ter Libras na EJA para ajudar na comunicação entre os surdos com os ouvintes, para que eles se sintam inseridos com os ouvintes, não só pelo fato de estar inclusos em uma sala de aula com eles, mas também por saberem se comunicar por meio da Língua Brasileira de Sinais.

Fonte: Degravação realizada conjuntamente pela orientadora e pela autora da monografia.

6. DISCUSSÕES

Ao realizar as entrevistas em duas escolas públicas localizadas no entorno de Brasília, percebemos que apesar da comunidade escolar informar que suas escolas possuem inclusão de alunos surdos em sala de aula com alunos ouvintes, ainda não conseguiram de fato realizar com eficácia essa inclusão. Isso porque tanto em uma quanto em outra o dado que nos chamou mais atenção foi o fato de que a maioria dos alunos surdos não conseguem se comunicar com os professores regentes ouvintes, colegas ouvintes e nem com as professoras intérpretes de Libras, pois não sabem a Língua Brasileira de Sinais, visto que esta não lhes fora apresentada quando crianças e agora na fase jovem e/ou adulta encontram dificuldades em aprender, além de que não há incentivo de suas famílias, que bastante influenciadas pelo discurso clínico, lhes impõe o oralismo e na escola não há o incentivo do aprendizado da Língua Brasileira de Sinais.

Todos os alunos surdos entrevistados são filhos de pais ouvintes, que infelizmente não dominam a Língua Brasileira de Sinais, o que dificulta muito a comunicação em casa, sendo esta realizada por meio de sinais caseiros e oralmente, o que acaba por refletir na escola, pelo fato de chegarem na escola praticamente sem língua e utilizando apenas os gestos caseiros.

Ademais, não foi possível realizar a entrevista com quatro alunos surdos de uma escola, somente com dois alunos, visto que não sabiam o básico de Libras. A meu pedido as intérpretes tentaram explicar as perguntas várias vezes, mas percebi que realmente eles não conseguiam compreender nada do que elas falavam em Libras.

Da mesma forma na outra escola, dos seis alunos surdos consegui somente realizar a entrevista com quatro alunos, visto que os outros dois não conseguiram entender e responder as perguntas das entrevistas, mesmo com o auxílio das professoras intérpretes, pois também não dominam a Libras.

Acreditamos, assim, que se o aluno ainda não tem conhecimento de nenhuma língua quando chega na escola ou nos primeiros anos de sua alfabetização, como poderá acessar aos conhecimentos científicos a serem ensinados pelo professor? Ou seja, se os alunos surdos ainda não sabem sua primeira Língua que é a Libras, como poderão aprender o português e as outras disciplinas na modalidade da EJA? Neste caso, pensamos que o primeiro passo seja o ensino de uma língua, ou seja, para estudantes surdos, o ensino da Língua Brasileira de Sinais se faz imprescindível no contexto pesquisado, pois a maioria dos alunos não a conhece. E como vimos a Libras conforme o Decreto nº 5.626, (2005) é a Língua das comunidades surdas, com a possibilidade de adquirir informação por meio dela e com sua propagação no

ensino, pois com o auxílio dela a obtenção do conhecimento ocorre de forma mais completa e satisfatória.

Outro fator que contribuirá de forma significativa para o aprendizado da Libras pela comunidade escolar, professores regentes e alunos ouvintes, é a inserção da Língua Brasileira de Sinais como disciplina na grade horária dos alunos ou até mesmo por meio de projetos, pois possibilitará que toda a comunidade escolar se empenhe no aprendizado da Libras, assim como perceber a riqueza que essa língua tem, sendo relevante, para que de fato ocorra a inclusão dos alunos surdos no ambiente escolar, onde eles conseguirão se comunicar com seus professores regentes e colegas ouvintes.

A formação dos professores regentes em Libras é de suma importância e tem que ser realizado com urgência, diante do caos que apresenta a educação de surdos. Os professores regentes não podem tornar os alunos surdos invisíveis só porque não sabem Libras, pelo contrário precisam buscar formação nessa área, para contribuir na comunicação com seus alunos e eles se sentirem incluídos e pertencentes aquele ambiente como é mencionado em Buzar (2009): *“Na interação professor aluno há uma valorização do saber que se encontra em poder do aluno. Este poder é aproveitado e redimensionado”*. (BUZAR, 2009, p. 81).

Se a formação em Libras dos professores regentes não pode ocorrer no curso de formação deles, como atualmente ocorre com o Decreto 5.626/2005, a escola poderia promover formação continuada destes professores durante as coordenações que todos os professores têm direito, ou fazer o curso na EAPE (Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação). Caso isso não ocorra, conforme Buzar (2009):

A ausência de comunicação interfere negativamente no processo de aprendizagem. Quando a aula está sendo dada em uma língua oral sem interpretação, os alunos surdos continuam excluídos, mesmo aparentemente incluídos. Não sabem o que está acontecendo, não tem o seu direito assegurado de interagir e participar da discussão. (BUZAR, 2009, p. 71).

Nas escolas os alunos ouvintes estudam as disciplinas de História, Artes, Inglês, Matemática, Ciências, Geografia, Português e Educação Física em um semestre do ano letivo, diferente dos alunos surdos, que por precisarem do auxílio na Sala de Recursos, todas essas disciplinas são divididas em humanas e exatas para eles por semestre, onde no primeiro semestre do ano cursam quatro disciplinas e as outras quatro disciplinas no segundo semestre do ano letivo, sendo que nos dois semestres os horários que ficam vagos na grade horária normal de aula, os alunos surdos contam com atendimento na Sala de Recursos.

Sendo assim, além de terem aula nas salas de aula com os alunos e professores regentes ouvintes, os alunos surdos também têm aula de Exatas na Sala de Recursos no

mesmo período noturno e somente com alunos surdos, que está inclusa no horário de disciplinas da semana, para receberem uma complementação e ajudar em possíveis dificuldades que venham a ter nas disciplinas de Exatas. Já os alunos ouvintes continuam em sala tendo as disciplinas que os alunos surdos só irão cursar no próximo semestre.

As aulas são todas ministradas oralmente e planejadas para os alunos ouvintes. Além disso, os alunos surdos não têm contato com os professores regentes ouvintes, pois estes também não sabem Libras, tendo somente contato com as professoras intérpretes, isso no caso dos que sabem Libras, que acessam o conteúdo das disciplinas por meio da interpretação em Libras.

De acordo com os alunos ouvintes, tentam uma vez ou outra se comunicar com os alunos surdos, por meio de mímicas, mas sem êxito, e não utilizam a Libras, pois consideram essa língua custosa de aprender. Isso resulta em uma difícil comunicação e amizade entre os estudantes surdos e ouvintes. Por outro lado, não percebemos que haja incentivo da escola para inserção e explicação da riqueza que há na aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais para os alunos ouvintes, de modo que possam perceber que não é uma língua impossível de se aprender.

Nesse sentido, um ou outro aluno ouvinte pode até tentar conversar com alguns alunos surdos por meio de mímicas, que evidentemente não são exatamente uma língua, muito menos a Língua Brasileira de Sinais, mas em muitos casos, como percebemos com alunos surdos que não sabiam Libras, não conseguiam se comunicar com os alunos ouvintes nem por meio dessa mímica.

Em algumas vezes durante o período da pesquisa, presenciamos alguns alunos surdos completamente isolados. Ao conversar com uma das professoras intérpretes, esta me relatou que são os casos dos que não dominam nem o básico de Libras, mas afirmou desconhecer que ele estivesse tão isolado na comunidade escolar.

Essa situação nos remete à reflexão sobre a inclusão desse tipo de aluno em uma sala de aula regular com alunos e professores ouvintes, mesmo com professoras intérpretes de Libras, que também apresentavam muitas dificuldades para interpretar os conteúdos em Libras, já que eles não sabiam nem o básico dessa língua.

Além disso, de acordo com as informações obtidas junto às professoras intérpretes, a metodologia de ensino na escola funciona da seguinte forma: O professor regente independente da disciplina ensina o conteúdo oralmente e a professora intérprete tenta traduzir, além do mais na maioria das vezes os professores não passam com antecedência os conteúdos para que as professoras intérpretes possam estudar e verificar uma melhor didática

e tradução para que os alunos surdos compreendam.

Observamos que os alunos surdos questionaram várias vezes a professora intérprete falando que não conseguiam entender o conceito das palavras e do conteúdo do quadro. Em uma dessas vezes, vi a professora intérprete se dirigir ao professor e pedir seu livro emprestado para tentar procurar uma imagem, para que o aluno surdo visse e tentasse entender.

As aulas visuais, de fato tornam o ambiente de aprendizado, mais rico e ajuda na melhor compreensão dos conteúdos escolares pelos alunos surdos e também pelos alunos ouvintes, pois quando o foco é somente na oralização, escrita, e utilização do quadro, muitos conteúdos ficam sem sentido na mente de ambos. Além de que, com isso o trabalho das professoras intérpretes irão fazer sentido, no quesito interpretar o que os professores regentes ouvintes ministram em sala de aula e não darem aula, pois haverá colaboração por parte dos professores regentes ouvintes, que entenderão que os alunos surdos também são seus alunos e precisam aprender a Língua Brasileira de Sinais, bem como adotar meios, como aulas visuais para que os alunos surdos e ouvintes tenham acesso ao conhecimento.

Uma das professoras intérpretes expressou sua indignação diante do que chamou abandono do governo em fiscalizar a educação recebida pelos alunos surdos, sobre a dificuldade das intérpretes no trabalho com surdos, pois em muitas vezes, além de terem que traduzir o conteúdo, precisam pensar em como contribuir didaticamente para que o aluno compreenda o que foi explicado, além disto, muitos estudantes surdos não conhecem o básico da Língua Brasileira de Sinais, por não terem apoio das famílias para aprenderem ou até mesmo da escola para oferecer um curso de Libras.

A professora intérprete continuou o seu desabafo, afirmando que os professores regentes ouvintes ministram suas aulas somente pela língua oral, sem a utilização de meios visuais, como imagens, que poderiam ajudar mais nas explicações e no entendimento por parte dos alunos surdos.

Apesar de questionarmos a posição da escola com relação a esta dura realidade, a resposta foi de que não há cursos de Libras para oferecer aos estudantes, mas que também precisam do apoio das famílias, que não sabem e não fazem questão de aprender. Afirmaram que muitas famílias apenas os matriculam na escola, ficando esta como a única responsável por sua educação.

Conforme a Lei n. 10.436, de 24 de Abril de 2002, artigo 2º:

Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua

Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Por meio da Lei, vemos que a escola por mais que necessite do apoio das famílias, precisa perceber que o seu contexto escolar envolve jovens e adultos, que já respondem por seus atos, de modo que a escola tem por obrigação inserir o ensino da Libras a comunidade surda e conseqüentemente a comunidade ouvinte, para que de fato ocorra comunicação e inclusão no ambiente escolar.

Outra questão que preocupa, é o fato da escola querer ensinar a Língua Portuguesa, sem levar em consideração que os alunos surdos da EJA não sabem nem a sua primeira língua que é a Libras. Os alunos surdos não conseguem compreender as estruturas gramaticais, interpretações de texto, construções de frases na Língua Portuguesa, pois de fato não conseguem ver sentido em seu aprendizado, uma vez, que não sabem sua língua materna que é a Libras, esta que poderá de fato contribuir de forma significativa para a compreensão desses conteúdos.

Os papéis se inverteram, mas não é tarde para reconhecer este erro e começar a reformular o ensino na escola, levando como imprescindível o ensino da língua materna para os alunos surdos, que é a Libras, e após o aprendizado, contextualizar com o ensino da Língua Portuguesa, para que de fato o aluno surdo possa ver sentido no que aprende e não ser apenas abstrato todo o conhecimento adquirido.

Em uma das primeiras escolas observadas, vimos que há duas Salas de Recursos, uma de Humanas e a outra de Exatas, sendo que somente a de Exatas funciona e a de Humanas está desativada por falta de professor. É uma sala com somente um quadro branco e que não possui recursos de imagens e vídeos, o que dificulta muito a compreensão dos conteúdos pelos alunos surdos, assim como nas salas de aula.

Conforme o portal do Ministério da Educação:

O Programa Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais tem por objetivo apoiar a organização e a oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE, prestado de forma complementar ou suplementar aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, matriculados em classes comuns do ensino regular, assegurando-lhes condições de acesso, participação e aprendizagem. O programa disponibiliza as escolas públicas de ensino regular, conjunto de equipamentos de informática, mobiliários, materiais pedagógicos e de acessibilidade para a organização do espaço de atendimento educacional especializado. Cabe ao sistema de ensino, a seguinte contrapartida: disponibilização de espaço físico para implantação dos equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos de acessibilidade, bem como, do professor para atuar no AEE (MEC, 2018).

A escola possui espaço e também uma professora regente de Exatas que sabe Libras e

atua na Sala de Recursos, então o que falta para a escola inserir de fato esses materiais que são disponibilizados pelo Ministério da Educação, para que a educação de surdos ocorra, com eficiência e que faça sentido para eles, de modo que possam conseguir aprender os conteúdos?

Outra questão envolve a infantilização na educação de Jovens e Adultos, pois muitos professores utilizam de termos e materiais didáticos utilizados na instrução de crianças, o que acaba por infantilizar a educação nessa modalidade, sendo que não se trata de crianças e sim de Jovens e Adultos em idade avançada que estão em busca de instrução.

Sentimos que ainda há um descaso por parte da escola, pois se ainda dizem não conseguir inserir a Libras no ambiente escolar, o que dirá dos materiais que já são disponibilizados pelo Ministério da Educação. Há uma falta de amor e conscientização para que de fato percebem que é importante todo esse conjunto para que os alunos surdos consigam aprender.

A Sala de Recursos é bilíngue, pois há utilização da Língua Brasileira de Sinais pela professora regente e do português escrito para o auxílio em todas as atividades, diferente das salas de aula, que apesar dos alunos surdos estarem incluídos com alunos ouvintes, apenas conseguem manter contato com a professora intérprete, visto que seus professores regentes e colegas de sala ouvintes não sabem Libras.

Já sabemos que a maior dificuldade do aluno surdo está na apropriação e uso competente da Língua Portuguesa, haja vista que todo o material pedagógico está ligado à língua padrão de nosso país, que é a língua oral. Dessa forma a Sala de Recursos tem como propósito reduzir as dificuldades encontradas pelo aluno surdo, de modo afacilitar seu entendimento sobre a Língua Portuguesa e demais conteúdos escolares (AMORIM, 2018).

Porém a realidade na Sala de Recursos dessas escolas, não atende a necessidade dos alunos surdos, pois não há o ensino da Libras, mas somente o ensino de conteúdos dados em sala de aula, sendo que apesar de terem dificuldades com a Língua Portuguesa, possuem também dificuldades com a Libras, uma vez, que não sabem sua Língua materna, está que poderá contribuir de modo significante para o aprendizado da Língua Portuguesa e dos demais conteúdos escolares. Diante dessas dificuldades apresentadas pelos alunos surdos com sua língua que é a Libras, por que então o ensino da língua não é realizado na Sala de Recursos? Ao questionar as professoras intérpretes, estas alegaram não conseguirem realizar o ensino da Libras e dos conteúdos ao mesmo tempo, tendo que priorizar os conteúdos escolares, que em seus entendimentos é que irá capacitar os alunos surdos a concluírem seus estudos pela EJA, além de que não podem realizar sozinhas, sendo necessário também ter

ajuda de todo o corpo escolar.

Algo que nos chamou bastante atenção nas entrevistas realizadas nas duas escolas é de que alguns alunos surdos não trabalham, por não conseguirem conciliar com os estudos à noite. Não acreditam que possam encontrar um bom trabalho pelo fato de serem surdos, mesmo que possuam qualificação, pois em suas perspectivas, as ofertas de emprego sempre serão mais fáceis para os ouvintes, sendo que, o que sempre irá atrapalhar será a comunicação. Além disso, os poucos empregados assumiram funções que não exigem estudos, como auxiliar de limpeza, por exemplo.

Porém de acordo com o Manual do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e a Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT), (2007), todas as empresas, associações, sociedades e fundações que permitem pessoas trabalharem em seus ambientes, são obrigadas a aceitar também o cidadão com deficiência, assim se essas empresas empregam 100 ou mais pessoas, devem empregar também parte dos cargos aos cidadãos com deficiência. Assim como na Lei de Cotas, a Lei nº 8.213 (1991) Art. 93 institui: “Art. 93 - A empresa com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência.” Isso nos mostra que não há desculpa para empregar o cidadão surdo em cargos relevantes, visto que tem por direito garantido pela Lei de assumirem seu espaço no mesmo ambiente que os cidadãos ouvintes.

A dificuldade de inserção do sujeito surdo no mercado de trabalho ainda é desafiador nos nossos dias, visto que encontram muitas dificuldades de aceitação por parte da comunidade ouvinte. Isso porque, a comunidade ouvinte não sabe a sua língua e vice-versa, o que dificulta a comunicação entre os mesmos e a contratação dos surdos em estabelecimentos públicos e privados.

Os alunos surdos, não conseguem manter ou encontrar um trabalho, porque muitas empresas não empregam sujeitos surdos, por não saberem se comunicar com eles. Tampouco demonstram interesse em realizar cursos preparatórios de Libras ou contratar intérpretes de Libras para facilitar a comunicação e o acesso do sujeito surdo no mercado de trabalho.

Algo que também foi revelado com a pesquisa, é que muitos sujeitos surdos, precisam optar por estudar ou trabalhar, pois não conseguem conciliar o dois. Segundo os mesmos, isso ocorre porque a maior parte de contratação para empregos está concentrada em Brasília, assim há muitas dificuldades, como ônibus, engarrafamentos, horários incompatíveis com os horários de aula nas escolas, fatos que vão dificultando cada vez mais a permanência de muitos surdos tanto no ambiente escolar, como no ambiente de trabalho.

Outro dado interessante é que alguns possuem a intenção de cursar o Nível Superior em outra área diferente de seu atual trabalho, demonstrando uma expectativa boa com seu futuro, por intermédio da Educação de Jovens e Adultos, pois tem esperança de concluírem seus estudos e conseguirem um espaço melhor no mercado de Trabalho.

Apesar das dificuldades encontradas pelos alunos surdos diariamente no ambiente escolar para serem incluídos, ainda tem esperanças na modalidade EJA, pois acreditam que esta pode lhes proporcionar o diploma de conclusão do ensino médio e conseguirem seu espaço no nível superior e mercado de trabalho.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem o propósito de proporcionar uma instrução de qualidade ao cidadão com idade avançada, que por algum motivo não pôde finalizar seu ensino fundamental ou médio e lhe permitir o direito de ser um autêntico cidadão, que passe a ter consciência dos seus deveres e direitos, sendo capaz de intervir de modo crítico sobre a sociedade em que está situado, conforme está na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1971, Lei 5692/71 capítulo IV Art. 24 parte a), no qual diz que a finalidade do supletivo é: *“suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não tenham seguido ou concluído na idade própria”*.

Outro fator bem relevante e que precisamos pensar é sobre a realidade de nossas universidades, no que diz respeito à disponibilidade de intérpretes de Libras para todos os cursos. Nas entrevistas, os alunos surdos que demonstraram interesse em cursar o Ensino Superior, expressaram também o medo de não conseguir ter intérpretes de Libras no curso de seu interesse, ou até mesmo em nenhum curso. É lamentável pensar que seus sonhos podem ser são destruídos, porque não há uma conscientização por parte do governo da importância e direito que eles têm de ter um intérprete de Libras em todas as etapas da educação, inclusive na EJA. Disseram sentir medo quando os intérpretes faltam à aula, porque não terá ninguém para lhes ajudar e em muitos casos, pela ausência desse profissional, acabam abandonando os estudos.

Assim percebe-se que as escolas nas quais ocorreram as entrevistas, não estão preparadas para incluírem alunos surdos em seu ambiente escolar, uma vez, que essa inclusão não se resume a tão somente inseri-los em uma sala de aula regular com alunos ouvintes e professores intérpretes. Pelo contrário, a inclusão envolve amar o que se faz, pois a partir do momento que se ama a educação, está será desenvolvida da melhor forma, com os melhores meios para inserir este aluno em um ambiente acolhedor e que se preocupa com seu bem estar e aprendizado. Sendo também essencial reconhecer a importância de se incluir a Língua Brasileira de Sinais no ambiente escolar, de modo a capacitar toda a comunidade escolar

ouvinte, alunos surdos que não saibam sua língua materna e também as famílias dos alunos surdos, para que de fato essa inclusão comece a caminhar para o caminho certo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei neste trabalho monográfico realizar um levantamento histórico da realidade da educação de surdos, partindo do princípio de sua construção e mesclar com a realidade vivida hoje pela comunidade surda na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir de duas escolas localizadas no entorno de Brasília DF (Distrito Federal), para nos possibilitar uma análise da qualidade da educação recebida pelos jovens e adultos surdos, diante de uma comunidade ouvinte majoritária que impõe sua forma de educar sobre a comunidade surda minoritária.

É em uma sociedade com muita dificuldade para compreender a pluralidade, que os surdos tentam a cada dia vencer as barreiras e lutar pelo reconhecimento de suas potencialidades e capacidades para adquirir conhecimento tanto quanto o ouvinte, só que não por meio da língua oral, mas com a utilização de uma perspectiva que contemple a visualidade, a cultura surda e conseqüentemente, a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Apesar da Libras já ser reconhecida em nosso país como língua da comunidade surda (Lei 10.436 de 21/04/2012), sabemos que a Lei não chegou ao conhecimento de todos os cidadãos brasileiros, pois além de alguns a desconhecem, outros que por mais que a conheçam, não fazem questão de aprender, como se a pessoa surda fosse o único a se dedicar e conseguir se adaptar a comunidade majoritária ouvintista.

A modalidade da EJA nessas duas escolas, não tem considerado como primordial a verdadeira inclusão dos alunos surdos, visto que apenas cumprem a inserção deles no mesmo ambiente que os alunos ouvintes.

Isso nos possibilita refletir e repensar sobre os métodos e materiais didáticos utilizados ou não para o ensino de surdos, no contexto da Educação de Jovens e Adultos, visto que a realidade que os cerca, de fato não corresponde ao que realmente precisam para sua instrução, uma vez, que não possuem o domínio de sua língua materna que é a Libras. Além de outro fator que também ocorre, que é infantilização nessa modalidade, que não pode acontecer, visto que não se trata da instrução de crianças, mas sim de jovens e adultos.

A formação de professores na Língua Brasileira de Sinais é primordial e precisa acontecer no ambiente escolar, para que os alunos surdos se sintam incluídos em sala de aula, apesar de que isso não ocorre por falta de incentivo ou até mesmo conhecimento sobre a EAJE que por sua vez, pode oferecer essa formação.

Pudemos perceber que o não domínio da Língua Brasileira de Sinais pelos alunos surdos, dificulta muito sua inclusão, entendimento dos conteúdos e principalmente sua

comunicação com a comunidade ouvinte, que também não domina a Libras. Então por que as escolas não fazem parcerias com associações para a imersão Linguística da Língua de Sinais no ambiente escolar, tanto para a comunidade surda, quanto para a comunidade ouvinte?

Porque a comunidade escolar de fato não demonstra interesse na inserção da Libras como disciplina ou em forma de projeto para o aprendizado de alunos surdos que não sabem a Língua Brasileira de Sinais e até mesmo para todo o corpo escolar ouvinte, como professores regentes e alunos, pois como foi observado por meio das entrevistas, demanda tempo, sendo que o propósito da escola é apenas transmitir os conteúdos programados no currículo escolar.

Seria de fato muito mais eficaz para a aprendizagem e o ensino das disciplinas para os alunos surdos, visto que se puderem primeiramente aprender sua língua natural, poderão compreender os conteúdos das disciplinas e o português, em sua modalidade escrita.

Partindo da realidade pesquisada, compreendemos que as escolas ainda possuem dificuldades em atender e realmente incluir os alunos surdos, de modo que quero acentuar o trabalho realizado pelas professoras intérpretes de Libras, que apesar de ainda apresentarem algumas dificuldades na execução de seu trabalho, enfrentam uma dura realidade, ao se deparar com a necessidade de interpretar para os alunos surdos que não sabem o básico de Libras. Percebemos que mesmo assim, continuavam persistentes em tentar interpretar, mesmo com tantas limitações e dificuldades impostas diariamente no ambiente escolar.

Quando decidimos viajar para outro país para conhecer a cultura, os monumentos e etc, em muitos casos as pessoas optam por um tradutor da língua desse país, outras pessoas decidem estudar primeiro a língua para depois viajar, o que facilita muito a compreensão da realidade de outro país. Da mesma forma se torna primordial que as escolas passem também a ter essa visão com o aluno surdo, pois como querem que eles aprendam e utilizem a escrita do português, se desconhecem sua própria língua que é a Libras, o meio primordial para que o aprendizado das disciplinas de fato ocorra com eficácia e faça sentido para os alunos surdos.

Mas é importante também que a escola se preocupe com o aprendizado da Libras para toda a comunidade escolar ouvinte, de modo que possam se comunicar com os alunos surdos, e possibilitar uma inclusão defato.

Diante disso, sei que essas dificuldades relatadas nesta monografia ainda existirão no ambiente escolar e como futura professora e intérprete de Libras, me vejo no dever de me dedicar diariamente ao aprendizado da Língua Brasileira de Sinais, sua estrutura gramatical e cultura surda, de modo que tais conhecimentos me possibilitem educar com qualidade crianças, jovens e adultos surdos, para que se sintam incluídos e importantes dentro e fora de sala de aula e que os conhecimentos adquiridos os levem a se tornarem cidadãos críticos e

com vontade de lutar e vencer na vida.

8. PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ao realizar este trabalho monográfico sob as orientações da professora Edeilce Buzar me sinto realizada na graduação de Pedagogia, visto que superei minhas expectativas diante das dificuldades e dos problemas encontrados para a Educação de Jovens e Adultos surdos. Isso porque por mais que meu amor por essas áreas da educação sejam grandes, me vejo mais amadurecida para encarar os obstáculos que as envolvem.

Em outras palavras, apesar da tristeza que tenho sobre os grandes problemas encontrados na educação, isso não me fará desistir, pelo contrário, hoje sinto que tenho mais forças para continuar estudando a Língua Brasileira de Sinais até me tornar intérprete de Libras e ser uma ótima professora tanto para crianças, jovens e adultos surdos quanto para crianças, jovens e adultos ouvintes, além de me dedicar futuramente ao Mestrado com foco no trabalho árduo que muitos intérpretes de Libras vivenciam em nosso país.

Diante de tudo o que vivenciei e ainda tenho a vivenciar, tenho por certo que meu amor pela Educação de Jovens e Adultos e pela Educação de Surdos me possibilitará a cada dia me redescobrir como ser humano e principalmente como profissional da educação, para continuar tendo forças e lutar por uma educação de qualidade e com respeito, pelo menos, para essas duas áreas.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. da S. G. **Atendimento Educacional Especializado: uma Análise sobre as Salas de Recursos Multifuncionais para Alunos com Surdez.** Edição 08 – 2. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/site/edicao/54>>. Acesso em: 25/03/2018.
- BLOG FORMANCIPA. **Formação Integrada e Emancipadora de Acesso á Educação Superior.** Disponível em: <http://formancipa.blogspot.com.br/p/formancipa_31.html>. Acesso em: 02/02/2018.
- BRASIL. *Decreto nº 3.956, de 8 de Outubro de 2001.* Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/d3956.htm>. Acesso em: 23/09/2017.
- BRASIL. *Decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005.* Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 23/09/2017.
- BRASIL. *Decreto nº 5.840, de 13 de Julho de 2006.* Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5840.htm>. Acesso em: 20/12/2017.
- BUZAR. E. A.S. **A Singularidade Visuo - Espacial do Sujeito Surdo: Implicações Educacionais.** Dissertação/ Programa de Pós - Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 31 de Março de 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4235/1/2009_EdeilceAparecidaSantosBuzar.pdf>. Acesso em: 12/02/2018.
- _____. *Lei nº 5.016, de 11 de Janeiro de 2013.* Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/vade-mecum-brasileiro,lei-no-5016-de-11-de-janeiro-de-2013-estabelece-diretrizes-e-parametros-para-o-desenvolvimento-de-politicas-p,41874.html>>. Acesso em: 14/10/2017.
- _____. *Lei nº 5.692, de 11 de Agosto de 1971* – Publicação Original. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 14/09/2017.
- _____. *Lei nº 8.213, de 24 de Julho de 1991.* Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8213cons.htm>. Acesso em: 23/09/2017.
- _____. *Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.* Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 14/09/2017.
- _____. *Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002.* Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 20/10/2017.
- CAPOVILLA, F. C. de. **Filosofias educacionais em relação ao surdo: Do oralismo a comunicação total ao bilinguismo.** 2000. Artigo: Instituto de Psicologia do Estado de São Paulo. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 6, n. 1, pp. 99-116, 2000. Disponível em: <http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista6numero1pdf/r6_art06.pdf>. Acesso em: 08/07/2017.

CORREIO BRAZILIENSE. **Escola Bilíngue de Libras em Taguatinga abre período de matrículas.** Reportagem: Cidades/DF, Brasília/DF. 04/03/2017. Disponível em:<http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/03/04/interna_cidadesdf,578102/escola-bilingue-de-libras-em-taguatinga-abre-periodo-de-matriculas.shtml>. Acesso em 25/06/2017.

CRUZ, E. *et al.* **A educação de Jovens e Adultos no Brasil: políticas e práticas.** Disponível em:<<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0326.html>>. Acesso em: 14/09/2017.

GDF. **Secretaria de Estado de Educação.** Diretrizes Operacionais Da Educação de Jovens e Adultos 2014/2017. Ano 2014. Disponível em: <http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/subeb/diretrizes_eja_2014_2017.pdf>. Acesso em:14/09/2017.

EVANGELISTA, F. F. G *et al.* **A inclusão do surdo no mercado de trabalho de acordo com sua capacidade profissional.** Revista Ensaios & Diálogos, n. 7, jan./dez.2014. Disponível em: <[file:///C:/Users/Asus/Downloads/sumario5%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Asus/Downloads/sumario5%20(1).pdf)>. Acesso em:23/09/2017.

FREIRE. P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 49ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais.** Revista de Administração e Empresas.São Paulo, v.35, n.3, pp.20-29,mai./jun.1995.Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3>>. Acesso em:10/01/2017.

MARTINS, F. C., KLEIN, M. **Estudos da Contemporaneidade: sobre ouvintismo/audismo.** IX ANPED SUL, Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2951/676>>. Acesso em: 26/11/2017.

MEC. **Educação de Jovens e Adultos.** Portal Ministério da Educação: Comissão debate novos rumos do Programa Brasil Alfabetizado, outubro de 2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/204-10899842/40401-comissao-debate-novos-rumos-do-programa-brasil-alfabetizado>>. Acesso em: 25/11/2017.

_____. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação: **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos DF.** Relator: CURY, C. R. J. PARECER CNE/CEB, 11/2000. Ano 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>. Acesso em: 24/09/2017

_____. **Portal Ministério da Educação: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-continuada-alfabetizacao-diversidade-e-inclusao/apresentacao>>. Acesso em: 25/11/2017.

_____. **Portal Ministério da Educação:** Secretaria de Educação Continuada, Programa Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pnaes/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/17430-programa-implantacao-de-salas-de-recursos-multifuncionais-novo>>. Acesso em: 25/03/2018.

MONARCHA, C.; FILHO, R. L. **Por Lourenço Filho:** uma biobibliografia. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), 2001. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484703/Por+Louren%C3%A7o+Filho+uma+bibliografia/f0480a5b-3b43-43a3-b491-f7fedd3eca0c?version=1.5>>. Acesso em: 26/11/2017.

MONTEIRO, M. S. **História dos movimentos dos Surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil.** Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.292-302, jun. 2006. ISSN: 1676-2592. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/asustecnologia/histria-do-movimento-surdo-no-brasil>>. Acesso em: 31/08/2017.

MOURA, M. C. de; LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. R. **História e Educação:** o Surdo, a Oralidade e o uso de Sinais. São Paulo: Roca, 1997. Cap.16. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfjk8AD/historia-educacao-surdo-a-oralidade-uso-sinais>>. Acesso em: 26/08/2017.

MOVA-Brasil 10 anos: **Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos.** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2013.

MTE. **A Inclusão das Pessoas com Deficiência no Mercado de Trabalho.** SIT. MANUAL:Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT), Esplanada dos Ministérios, Brasília/DF 2007. Disponível em: <<http://www.portalinclusivo.ce.gov.br/phocadownload/publicacoesdeficiente/ainclusaoadaspcdnomercdetrabalho.pdf>>. Acesso em: 14/09/2017

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis: Vozes, 2007. PLATÃO. **Crátilo.** Porto Alegre: Instituto Piaget, 2001.

RAMOS, C. R. **Histórico da FENEIS até o ano de 1988.** Artigo. Petrópolis - Rio de Janeiro: Arara Azul Ltda., 2004. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo6.pdf>>. Acesso em: 19/08/2017.

RIBEIRO, A. de F. **Taylorismo, fordismo e toyotismo.** Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA: 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/viewFile/26678/pdf>>. Acesso em: 25/11/2017.

ROSÁRIO, M. J. A. do; MELO, C. N. de. **A Educação Jesuítica no Brasil Colônia.** Revista HISTEDBR On- Line, Campinas, nº 61, pp. 379-389, mar./2015 – ISSN: 1676- 2584. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640534/8093>>. Acesso em: 23/09/2017.

SÁ, N. R. de. **Educação de Surdos:** a caminho do bilinguismo. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999.

SCHEIBEL, M. F; LEHENBAUER, S. **Reflexões sobre a educação de jovens e adultos – EJA**. Porto Alegre: Pallotti, 2006.

SILVA, E. M. da. **O aluno surdo na EJA: Uma reflexão sobre o ensino**. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul Ltda., Ed. n. 12, jan. 2014. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3%C3%82%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%2012%20%5BMONTEIRO%20DA%20SILVA%5D.pdf>>. Acesso em: 23/09/2017.

SILVA, S. A. **Conhecendo um pouco da história dos surdos**. Londrina/PR, 2009. Disponível em:<http://www.uel.br/prograd/nucleo_acessibilidade/documentos/texto_libras.pdf>. Acesso em: 28 de jul. de 2017.

SILVA, S. C. *et al.* **As contribuições da psicologia na educação de surdos: o caso do Centro de Educação Especial do Estado da Bahia**. Artigo (Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas). Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 171-190. ISBN: 978-85-232-0928-5. AvailablefromSciELO Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285-17.pdf>>. Acesso em: 09/ 07/2017.

SOARES, M. A. L. **A educação de Surdos no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 1999.

STRELHOW, T. B. **Breve História Sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 38, pp. 49-59, jun. 2010 - ISSN: 1676-2584. Disponível em:<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf>. Acesso em: 22/09/2017.

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos**. Artigo (Licenciatura em Letras- LIBRAS na modalidade à distância), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em:<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf>. Acesso em: 07/07/2017.

TOYSHIMA, A. M. S. da; COSTA, C. J. **O RatioStudiorum e seus Processos Pedagógicos**. Seminário (Universidade Estadual de Maringá) Paraná: CAPES, 07 a 09 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2012/trabalhos/co_05/104.pdf>. Acesso em: 23/09/2017.

ANEXOS - IMAGENS

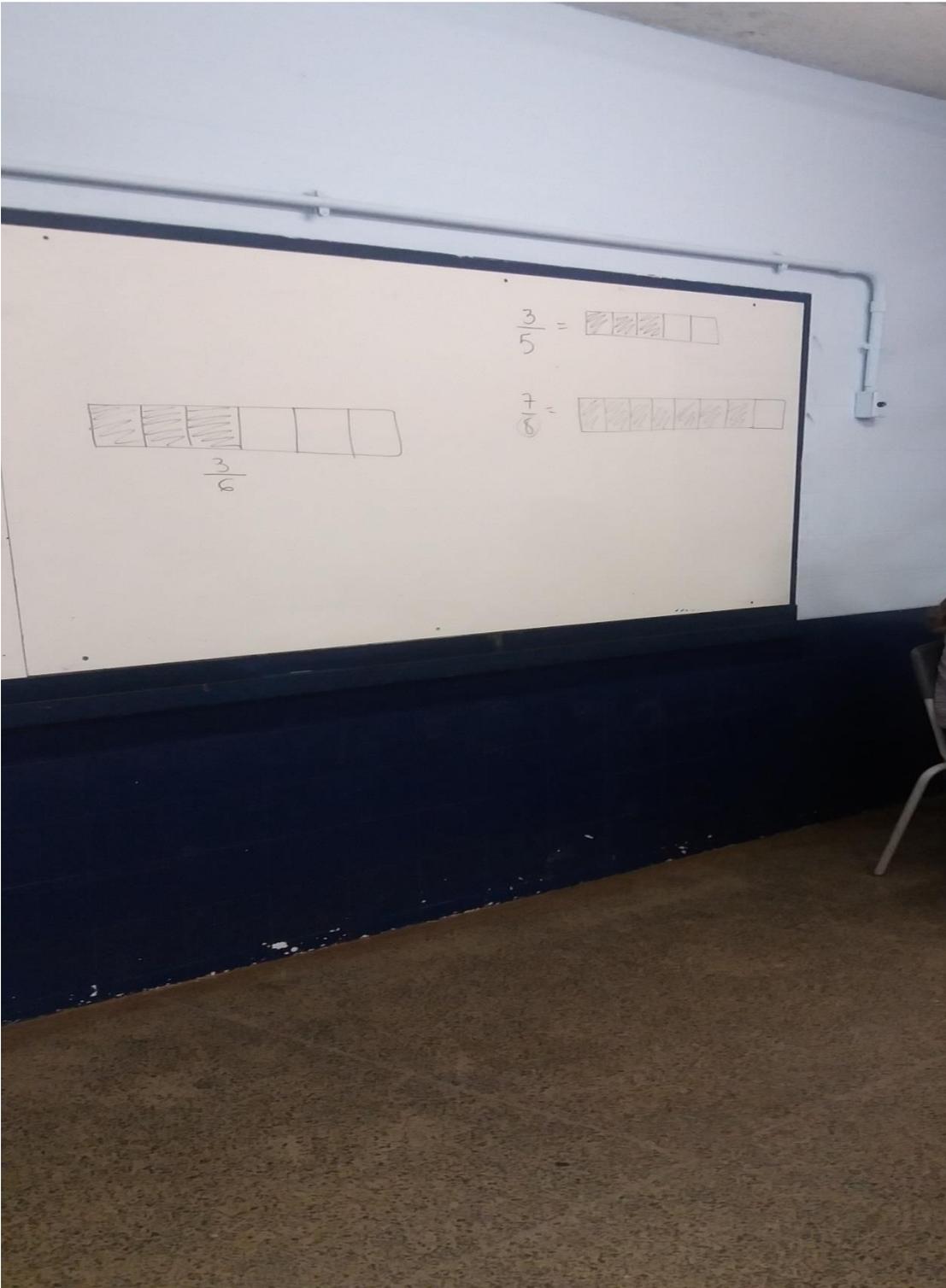


Figura 1: Sala de Recursos da Escola de Ensino Fundamental.

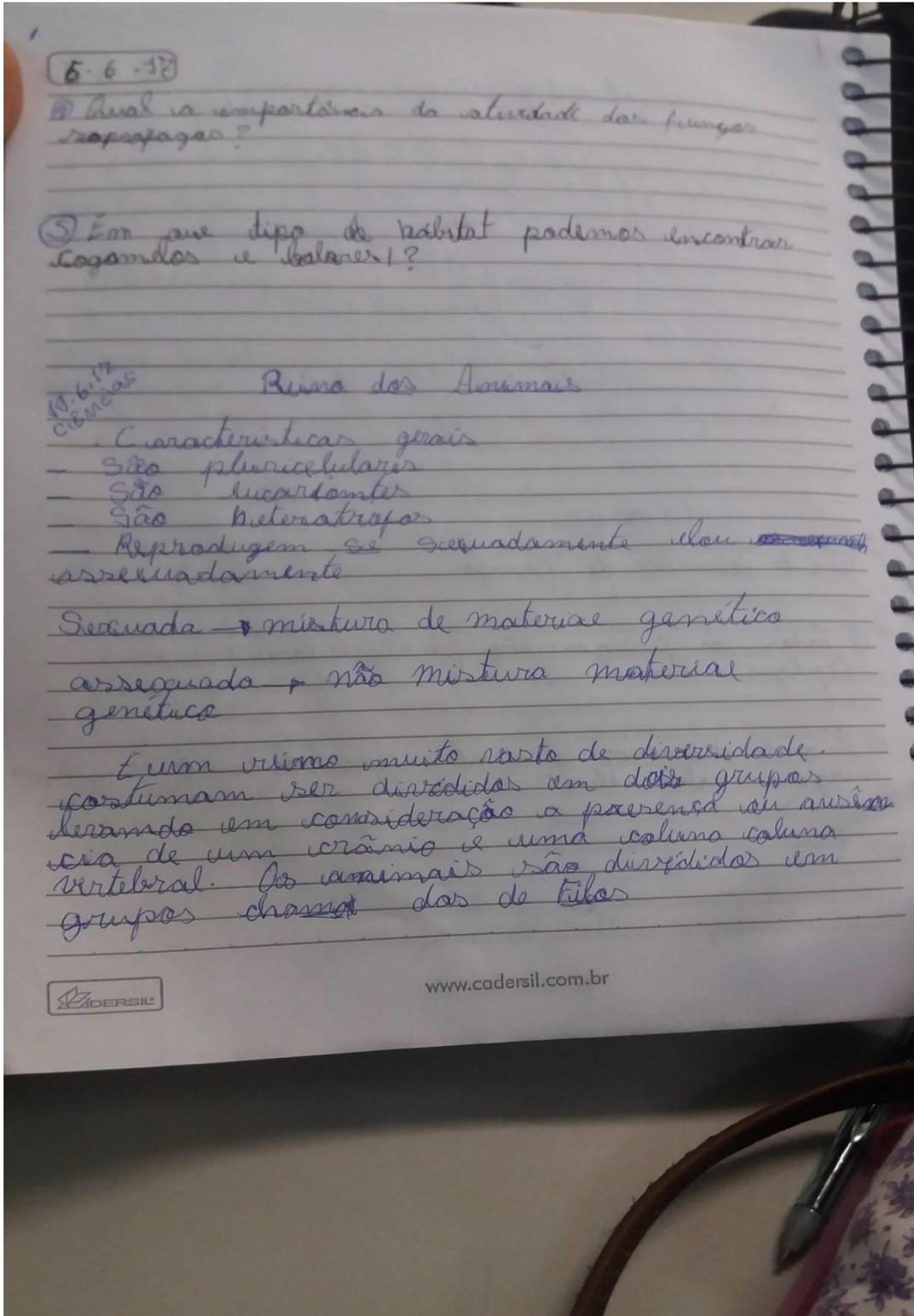


Figura 2: Caderno de Ciências Naturais do Aluno Surdo da Escola de Ensino Fundamental.

REPRESENTAÇÃO

Represente as frações abaixo por meio de desenhos.

A) $\frac{7}{8}$	F) $\frac{3}{5}$
B) $\frac{6}{10}$	G) $\frac{4}{6}$
C) $\frac{5}{8}$	H) $\frac{7}{20}$
D) $\frac{3}{9}$	I) $\frac{8}{12}$
E) $\frac{2}{14}$	J) $\frac{1}{3}$



É com você!

A) Como se chama o número que está embaixo do traço da fração? _____

B) Como se chama o número que está acima do traço da fração? _____

C) O que indica o denominador? _____

D) O que indica o numerador? _____

Figura 3: Exercício de Matemática Utilizado na Sala de Recursos da Escola de Ensino Fundamental.

	Segunda	Quarta	Quinta
1º	5ª - Mat	8ª - Ciên	5ª - mat / 8ª - C
2º	5ª - Mat	8ª - Ciên	
3º	7ª - Mat	5ª - mat	7ª - mat
4º	6ª ^C / 7ª - Mat	6ª - Ciên	8ª - Ciên
5º	6ª - Ciên	- x -	5ª ^M / 6ª ^C / 8ª ^C

Figura 4: Horário de atendimento das disciplinas de Exatas para os alunos surdos na Sala de Recursos, incluído dentro da grade horária de aula e dividido por cada etapa do 2º Segmento da EJA em que cada aluno surdo estuda.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA AS INTÉRPRETES DE LIBRAS

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “**A Educação de Jovens e Adultos Surdos no entorno do /DF: Uma Análise**”. Nesta pesquisa, objetiva-se verificar por meio dos relatos das entrevistas com jovens e adultos surdos, se os processos desenvolvidos pela comunidade escolar foram significativos para a inclusão deles no ambiente social, contribuindo ou não para sua inserção. Dessa forma, pretende-se **Descrever** os relatos a respeito do processo educacional de jovens e adultos surdos, a fim de construir um registro documental de parte dessa história, a partir dos próprios estudantes.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será entregue ao participante da pesquisa pela pesquisadora Quesia Teles, para que possa manifestar formalmente seu acordo em colaborar com o estudo. Você contribuirá especificamente com a concessão de tradução e interpretação em Libras de entrevistas de estudantes surdos, que serão filmadas.

Esclarecemos que a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. As informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade dos participantes. Somente a pesquisadora e a orientadora terão conhecimento dos dados.

Além disso, a participação é totalmente voluntária, podendo os senhores recusarem-se a participar ou mesmo desistirem a qualquer momento sem que isto

acarrete qualquer ônus ou prejuízo. Ao participar desta pesquisa o (a) sr. (a) não terá nenhum benefício direto, assim como, não terá nenhum tipo de despesa.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato por telefone/whatsapp com: Quesia Teles (61) 9537 2028 ou pelo e-mail: quesia.teles@gmail.com.

Brasília, _____ de novembro de 2017.

Assinatura do Participante

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS ALUNOS SURDOS

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “**A educação de Jovens e Adultos Surdos no entorno do /DF: Uma análise.**” Nesta pesquisa, objetiva-se verificar por meio dos relatos das entrevistas com jovens e adultos surdos, se os processos desenvolvidos pela comunidade escolar foram significativos para a inclusão deles no ambiente social, contribuindo ou não para sua inserção. Dessa forma, pretende-se **Descrever** os relatos a respeito do processo educacional de jovens e adultos surdos, a fim de construir um registro documental de parte dessa história, a partir dos próprios estudantes.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será entregue ao participante da pesquisa pela pesquisadora Quesia Teles, para que possa manifestar formalmente seu acordo em colaborar com o estudo. Você contribuirá especificamente por meio de entrevistas que serão gravadas com o auxílio de intérpretes de Libras.

Esclarecemos que a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. As informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade dos participantes. Somente a pesquisadora e a orientadora terão conhecimento dos dados.

Além disso, a participação é totalmente voluntária, podendo os senhores recusarem-se a participar ou mesmo desistirem a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo. Ao participar desta pesquisa o (a) sr. (a) não terá nenhum benefício direto, assim como, não terá nenhum tipo de despesa.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato por telefone/whatsapp com: Quesia Teles (61) 9537 2028 ou pelo e-mail: quesia.teles@gmail.com.

Brasília, _____ de novembro de 2017.

Assinatura do Participante

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- A) Como se deu ou como se dá sua escolarização na modalidade Educação de Jovens e Adultos?
- B) Quais as principais dificuldades encontradas nessa modalidade? E quais os pontos positivos?
- C) Você deu continuidade aos seus estudos após o EJA ou não? Ou pretende fazê-lo? Porquê?
- D) Está inserido no mercado de trabalho ou qual a expectativa? Faz o que? Pontos positivos e negativos?
- E) Você acredita que a educação de jovens e adultos foi importante em seu crescimento acadêmico, profissional e social?
- F) Em sua opinião a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é importante no desenvolvimento do sujeito surdo? Por quê? Sugestões críticas?